



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LILIAN LUCENA VIEIRA DE MELO

**A INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL SOBRE O
DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA ASSOCIAÇÃO
BENEFICENTE CRIANÇA CIDADÃ DO BAIRRO DO CORDEIRO, RECIFE – PE.**

**RECIFE
2019**

LILIAN LUCENA VIEIRA DE MELO

A INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRIANÇA CIDADÃ DO BAIRRO DO CORDEIRO, RECIFE – PE.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa Alice da Cunha Faria.

**RECIFE
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO

LILIAN LUCENA VIEIRA DE MELO

A INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CRIANÇA CIDADÃ DO BAIRRO DO CORDEIRO, RECIFE – PE.

Data da Defesa: 17/12/2019

Horário: 10 horas

Local: Sala 9 B - UFRPE

Banca Examinadora:

Professora Dr^a Andréa Alice da Cunha Faria
Prof. Orientadora

Professora Dr^a Gilvaneide Ferreira de Oliveira
Prof.^a Examinadora Interna

Professora Dr^a Flávia Mendes de Andrade Peres
Prof. Examinadora Externa

Resultado: (X) Aprovado/a

() Reprovado/a

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M528i Melo, Lilian Lucena Vieira de
 A influência de práticas de educação não formal sobre o desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social: o que dizem os sujeitos da associação beneficente criança cidadã do bairro do Cordeiro, Recife – PE / Lilian Lucena Vieira de Melo. - 2019.
 74 f. : il.
- Orientadora: ANDREA ALICE DA CUNHA FARIA.
 Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2020.
1. Educação formal . 2. Educação não formal . 3. Desempenho escolar. 4. ONG. I. FARIA, ANDREA ALICE DA CUNHA, orient. II. Título

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, minhas filhas, meu marido, minha neta e a minha mãe (in memoriam), exemplo de mulher guerreira, que me ensinou a lutar pelos meus objetivos, a ser resiliente, mesmo diante das dificuldades encontradas no caminho. Sem o apoio de vocês, eu não conseguiria.

Agradeço também à professora Fabiana Cristina, por sua motivação e cuidado, às vezes pelo simples perguntar, e por me apresentar o autor Carlos Rodrigues Brandão nas suas aulas, sobre a “educação está em todos os lugares”, o tema da redação para conseguir a vaga de estágio na ONG.

O tempo que fiquei estagiando na ABCC me motivou a aprofundar meu conhecimento sobre educação não-formal e fazer uma pesquisa sobre ela. O estágio na ABCC também me proporcionou conhecer o senhor Nildo Nery (in memoriam), que dedicou sua vida ao projeto da ABCC e espalhou amor por onde passou.

Agradeço também à todos aqueles que participaram da minha vivência aqui na faculdade, como Graça e Aline (as três Marias).

A minha orientadora Andréa Alice, muito obrigada por tudo, por suas explicações, sua “lupa”, por cada frase de incentivo, por ouvir e falar. Por depositar em mim sua confiança e fortalecer o meu conhecimento para que eu conseguisse chegar nesta etapa final do curso, na minha formação de professora.

Agradeço também o acolhimento da equipe da ABCC, dos alunos e funcionários para a realização deste trabalho.

E por fim, aos meus filhos de pelo, aqueles que se doam todos os dias sem pedir muito em troca. Que me acompanha nas madrugadas. Que conhece meus sentimentos mesmo sem eu dizer nada.

A todos vocês que fizeram parte da minha caminhada “muito obrigada”.

*"É mais fácil criar crianças fortes do que
consertar homens quebrados"*

Frederick Douglass.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada objetivou analisar como as ações de uma prática de educação não-formal podem influenciar o desempenho escolar de alunos que vivem em situação de vulnerabilidade social. Para tanto, realizou-se um estudo de caso junto à Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC), uma Organização Não Governamental (ONG), com atuação no bairro do Cordeiro, em Recife/PE. Desde o ano de 2000, a ABCC vem se constituindo como um espaço de interação social que atende jovens e crianças, oferecendo acesso à educação, esporte e cultura com o objetivo de promover cidadania. Para estudo do tema, realizou-se inicialmente uma revisão sobre o conceito de desempenho escolar e os fatores que o influenciam, além de um aprofundamento da discussão sobre os contextos educacionais formais e não-formais. Os procedimentos para a coleta de dados consistiram em levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas com professores e grupo focal com estudantes. Para tratamento dos dados utilizou-se o método de análise de conteúdo. Alunos e professores foram entrevistados e suas respostas, cotejadas e analisadas à luz do referencial teórico anteriormente apresentado. Como principal resultado, constata-se que as ações de uma prática de educação não-formal estabelecem relações de complementariedade com a educação formal, influenciando positivamente no desempenho escolar de alunos que vivem em situação de vulnerabilidade social, especialmente pela base afetiva construída diariamente através da motivação, do respeito e do acolhimento.

Palavras-Chave: Educação formal - Educação não formal - Desempenho escolar – ONG.

ABSTRACT

The research presented here aimed to analyze how the actions of a non-formal education practice can influence the school performance of students living in socially vulnerable situations. To this end, a case study was carried out with the Child Citizen Charitable Association (ABCC), a Non-Governmental Organization (NGO), with operations in the Cordeiro neighborhood, in Recife / PE. Since 2000, ABCC has been constituted as a space for social interaction that serves young people and children, offering access to education, sport and culture with the objective of promoting citizenship. To study the theme, a review was initially made of the concept of school performance and the factors that influence it, as well as a deeper discussion on formal and non-formal educational contexts. The procedures for data collection consisted of bibliographic survey, semi-structured interviews with teachers and focus group with students. For data treatment the content analysis method was used. Students and teachers were interviewed and their answers collated and analyzed in the light of the theoretical framework previously presented. As a main result, it can be seen that the actions of a non-formal education practice establish complementary relationships with formal education, positively influencing the school performance of students living in socially vulnerable situations, especially by the affective base built daily through motivation, respect and acceptance.

Keywords: Formal Education - Non-Formal Education - School Performance - ONG.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA

Figura 1 – Determinantes do desempenho escolar.....	14
Figura 2 – Gosto e não gosto da escola.....	35
Figura 3 – Gosto e não gosto na ABCC.....	35
Figura 4 – Antes e depois da ABCC.....	36

QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos profissionais entrevistados.....	36
Quadro 2 - Caracterização dos alunos entrevistados.....	37
Quadro 3 – Postura do professor.....	39
Quadro 4 - O ambiente escolar.....	40
Quadro 5 – Relações interpessoais.....	42
Quadro 6 – O que gostam na ABCC.....	43
Quadro 7 – Crescimento pessoal	44
Quadro 8 – O que não gostam na ABCC.....	45
Quadro 9 – Antes e depois de entrar na ABCC.....	48

TABELAS

Tabela 1: taxas de abandono e distorção idade-série em 2016, do ensino fundamental e médio segundo Grandes Regiões (%).....	17
Tabela 2: jovens entre 06 e 14 anos que estão fora do ambiente escolar.....	17

GRÁFICO

Gráfico 1 – O que não gostam em sua escola	39
Gráfico 2 – O que gostam em sua escola.....	41
Gráfico 3 – O que gostam na ABCC.....	43
Gráfico 4 – O que não gostam na ABCC.....	45
Gráfico 5 – Antes de entrar na ABCC.....	47
Gráfico 6 – Depois de entrar na ABCC.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

ONG – Organização Não Governamental

ABCC – Associação Beneficente Criança Cidadã

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

OCC – Orquestra Criança Cidadã

Professores – P

Alunos - L

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A COMPLEXIDADE DA EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	14
1 - DESEMPENHO ESCOLAR	14
1.1 - DESIGUALDADE SOCIAL	16
1.2 - A FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM	18
1.3 - O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO	19
1.4 - AS ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	23
1.5 - EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O EDUCADOR SOCIAL	25
CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
2 - NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	30
2.1 - UNIVERSO PESQUISADO	32
2.1.1 – Histórico e origem da ABCC	32
2.1.1.1 - Missão	32
2.1.1.2 - Visão	32
2.1.1.3 - Orquestra criança cidadã meninos do Coque	33
2.1.1.4 - Orquestra criança cidadã - OCC	34
2.2 – SUJEITOS PESQUISADOS E PRIMEIROS DADOS COLETADOS	34
2.2.1 – Caracterização dos profissionais entrevistados	36
2.2.2 – Caracterização dos alunos entrevistados	37
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
3 - DADOS OBTIDOS NESTE ESTUDO	38
3.1 - ALUNOS E A ESCOLA FORMAL	38
3.1.1 – O que não gostam em sua escola	38

3.1.2 – O que gostam em sua escola.....	41
3.3 – ALUNOS E A ABCC	43
3.3.1 – O que gostam na ABCC	43
3.3.2– O que não gostam na ABCC	45
3.3.3 – Antes e depois de entrar na ABCC	47
3.4 – O QUE DIZEM OS SUJEITOS.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	63
Apêndice A – Roteiro de entrevista para grupos focais (com estudantes).....	64
Apêndice B - Roteiro de entrevista semiestruturada (com professores)	65
Apêndice C – Representação Visual dos alunos sobre a escola e a ABCC / sobre antes e depois de frequentar a ABCC	66
ANEXOS	70
Termo de conhecimento livre esclarecido	71

INTRODUÇÃO

Crianças de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social estão submetidas a significativas dificuldades para que obtenham um bom desempenho escolar e isso se deve a diversos fatores. Considerar e, especialmente, compreender tais fatores é um permanente desafio para profissionais da educação, instituições públicas e entidades não governamentais, dentre outros agentes que partilham da visão de que a educação possa ser um caminho para a redução das desigualdades sociais.

Segundo Bourdieu (2007), o “capital cultural” herdado pela (e da) família é um dos fatores que influencia diretamente o desempenho escolar dos estudantes, na medida em que internaliza disposições, criando “*habitus*” e constituindo-se, portanto, em elemento fundamental a ser considerado nos processos educativos. Para o autor, se uma família tem um bom grau de escolaridade, boa situação econômica e, em seu cotidiano, cultiva práticas culturais, como a leitura de livros, visita a museus, teatros, entre outros, isso favorece o estabelecimento de uma estrutura que irá ajudar no desenvolvimento educacional de seus integrantes. Isso significa dizer que aqueles/as que vivenciam, no ambiente familiar, uma cultura de aprendizagem e descoberta já levarão, de casa, estas disposições, ou “*habitus*” de aprendizagem, ao serem inseridos no ambiente escolar.

No entanto, esta é uma situação que não condiz com a realidade de muitas famílias brasileiras que, muitas vezes, vivem em situação de vulnerabilidade social, em meio à violência, ao analfabetismo e ao desemprego. De acordo com o levantamento da Fundação Abrinq 2018, divulgado na revista eletrônica Cenário da Infância e adolescência no Brasil 2018¹, 40,2% dos jovens com até 14 anos vivem em situação de pobreza e 13,5% vivem em situação de extrema pobreza, totalizando 53,7% da população brasileira entre 0 e 14 anos. .

Esta é a realidade cotidiana de muitas crianças que apresentam dificuldades na escola e que não possuem uma base familiar que possa apoiá-los ou ajudá-los nas atividades escolares. No entanto, o problema ainda é mais grave. Conforme discutido por Grana e Bastos (2010), além da falta de escolaridade dos pais para ajudar os filhos, a situação de vulnerabilidade das famílias faz com que muitos

¹ https://issuu.com/fundacaoabrinq/docs/cenario_da_infancia_2018_internet_v

precisem abandonar a escola para ajudar na renda familiar, mantendo assim, a mesma estrutura de dificuldades econômicas, visto que sem estudos, não irão conseguir bons empregos e/ou oportunidades de geração de renda.

A pobreza traz também outras dificuldades, como a desnutrição ou má nutrição, moradia precária, gravidez precoce, dentre outros. De acordo com Hoga (2008), a gravidez na adolescência é um importante fator que influencia a educação destes jovens. Segundo a autora, a maternidade precoce destas jovens, muitas vezes sozinhas, sem contar com o auxílio do pai da criança, faz com que muitas delas não prossigam com os estudos, gerando consequentemente, dificuldades na sua vida social e profissional, reproduzindo mais uma vez, a estrutura familiar que ela mesma vivenciara na infância.

Dados elaborados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) através do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes)² de 2015 e divulgados em dezembro de 2016, demonstram a influência dos fatores socioeconômicos sobre o nível educacional dos cidadãos. Segundo estes dados, divulgados na página da BBC News Brasil (British Broadcasting Corporation)³, apenas 2,1% dos estudantes carentes do Brasil conseguiu um desempenho educacional satisfatório em disciplinas como ciências, matemática e também, na leitura, o que significa que em cada 100 estudantes carentes, apenas 02 conseguiram ter um bom desempenho escolar.

É preciso reafirmar que a educação é um direito de todo e qualquer ser humano, independentemente da sua classe social, conforme garantido no Art. 205⁴, da nossa Constituição Federal de 1988. Por outro lado, não é possível desconhecer que historicamente, a classe social mais carente é justamente aquela que tem este direito negado ou, pelo menos, dificultado pela falta de oportunidades que levem em consideração as suas especificidades. Além de um direito humano, a garantia de

² O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), tem como objetivo produzir indicadores para que se possa avaliar a qualidade da educação entre os países participantes, para que se possa subsidiar melhorias para o ensino básico. As avaliações do Pisa acontecem a cada três anos e abrangem três áreas do conhecimento – Leitura, Matemática e Ciências.

³ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45961795>

⁴ Art. 205. A **educação, direito de todos** e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

uma boa educação para todos é ação política primordial para ajudar no combate às desigualdades, diminuindo a situação de pobreza que muitos vivem em nosso país.

Preocupadas com esta realidade que atinge inúmeras crianças e adolescentes de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social foram surgindo no Brasil, no decorrer do tempo, várias Organizações não Governamentais (ONG) voltadas a atuar sobre esta realidade a partir de ações educativas, complementares à educação regular. É neste contexto de busca de novas oportunidades que se situa o presente trabalho, destinado a avaliar como as ações de uma prática de educação não formal podem auxiliar no desempenho escolar de crianças e jovens carentes que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Ao definir este objeto de estudo levou-se em consideração a relevância acadêmica e social da problemática aqui apresentada. O estudo pretende contribuir para desmistificar alguns estigmas em torno das ONGs e das práticas de educação não formal, refletindo criticamente sobre sua contribuição para a sociedade como um todo.

Pretende-se assim, contribuir para a compreensão da importância das práticas de educação não formal na construção da cidadania e na criação de oportunidades para aqueles que muitas vezes, o sistema formal de ensino acredita não possuir potencial para se desenvolver e vir a ocupar espaços diferenciados em uma sociedade que, por muitas vezes, os discrimina.

Com relação à relevância pessoal, o interesse por esse tema surgiu da minha participação como estagiária em uma ONG que trabalha com crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade social e que ora se constitui campo de estudo desta pesquisa. Trata-se da ABCC – Associação Beneficente Criança Cidadã que atende crianças e adolescentes carentes que vivem na comunidade e áreas próximas ao bairro do Cordeiro, no Recife/PE.

Tendo como cenário a problemática aqui apresentada, o presente estudo tem como objetivo responder à seguinte pergunta de pesquisa: Qual a influência das ações de Educação não formal desenvolvidas pela Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC) sobre o desempenho escolar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

Assim sendo, a pesquisa tem como objetivo geral “Analisar a influência das práticas de educação não formal desenvolvida pela ABCC sobre o desempenho escolar de estudantes em situação de vulnerabilidade social”. E como objetivos

específicos a) Realizar um levantamento das práticas de educação não formal desenvolvidas pela ABCC; b) Identificar, a partir da percepção de estudantes e professores, as práticas de maior incidência sobre o desempenho escolar de crianças e jovens atendidos pela ABCC; c) Analisar criticamente os elementos que contribuem para um melhor desempenho escolar dos estudantes.

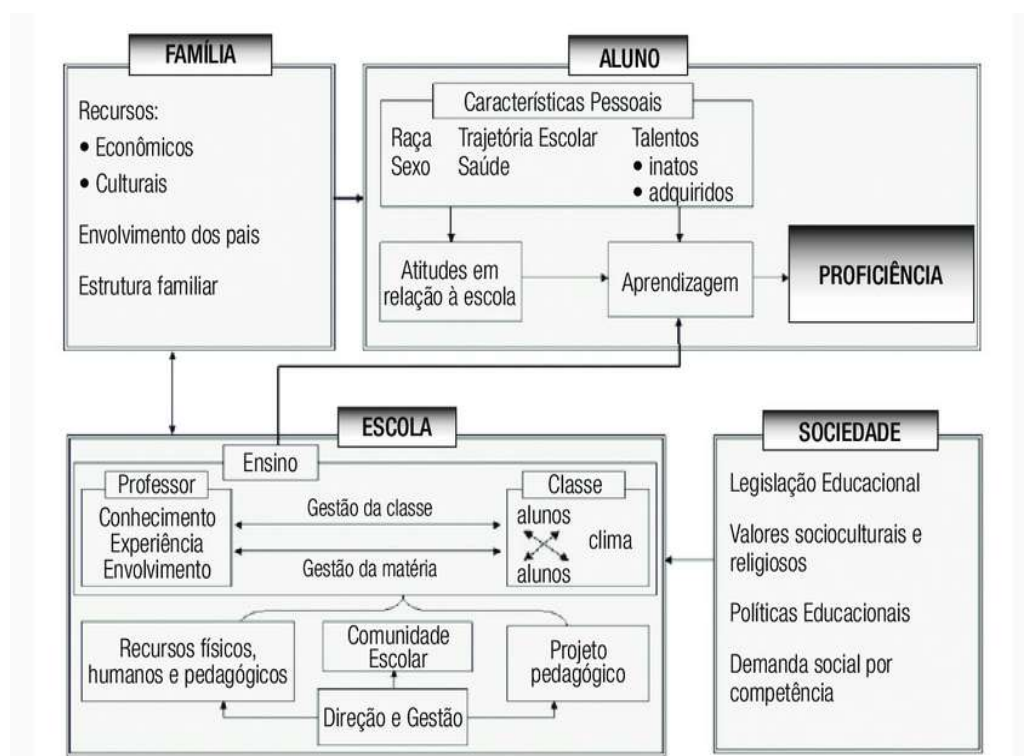
CAPÍTULO I – A COMPLEXIDADE DA EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Para um maior aprofundamento acerca da problemática deste trabalho em torno das influências das práticas de educação não formal sobre o desempenho escolar dos alunos de famílias em situação de vulnerabilidades sociais, torna-se necessário o aprofundamento das concepções teóricas que possam discorrer sobre este assunto. Para tanto, este capítulo apresentará reflexões problematizadoras sobre desempenho escolar e desigualdade social.

1 - DESEMPENHO ESCOLAR

Pode-se definir “desempenho” como um conjunto de características, comportamentos e rendimentos de uma pessoa. O desempenho escolar, como expressão da aprendizagem e do conhecimento adquirido, contudo, não deve ser baseado apenas pelas notas, pois este está relacionado a vários fatores não apenas ligados à parte cognitiva, mas também à família, ao aluno, ao professor e também à escola, conforme representado pela figura abaixo.

Figura 1 – Determinantes do desempenho escolar



Fonte: Soares (2007 p. 141)

Na **figura 1**, Soares destaca que “os fatores mais próximos do desempenho do aluno são suas características inatas ou já determinadas por sua história de vida. [...] a escola, a família e a sociedade” (2007, p. 142).

Para Pereira e Wassem (2014) e Siqueira e Gurgel-Giannetti (2011), outros elementos como a alimentação escolar, o nível educacional dos pais, falta de motivação, causas emocionais, condições socioculturais e inadequação pedagógica, também interferem diretamente sobre o desempenho escolar dos estudantes.

Sobre a influência da escola no desempenho educacional afirma-se que,

Existe forte correlação entre boas escolas, disponibilidade de recursos e progresso escolar. A má qualidade da educação afeta diretamente as crianças mais vulneráveis provenientes de condições socioeconômico-culturais mais precárias. A escola (educação formal) deveria ter o papel de compensar as diferenças, diminuindo a desigualdade social, capacitando esses indivíduos (SIQUEIRA e GURGEL-GIANNETTI, 2011, p. 3).

Todavia, não podemos esquecer que as escolas da rede regular de ensino (educação formal) que estão inseridas em locais mais vulneráveis são as mais suscetíveis a dificuldades, tais como: infraestrutura, recursos didáticos, dificuldade de acesso, de segurança, falta de professores, entre outros problemas que interferem no desenvolvimento escolar. Segundo Soares, “as escolas situadas nas periferias urbanas, e que, portanto, atendem alunos de nível econômico mais baixo, apresentam frequentemente piores condições materiais” (2004, p. 5). E complementa, afirmando que quando esses locais são violentos, a violência tende a invadir também o ambiente escolar, principalmente por conta do tráfico de drogas, favorecendo situações de conflito entre alunos e agressões a professores. Tais acontecimentos geram grande dificuldade para esses profissionais, bem como para todos os estudantes, comprometendo, assim, a qualidade do ensino.

É preciso, portanto, refletir profundamente acerca de todos esses fatores que influenciam na aprendizagem do aluno, de modo que, tanto os pais, a escola, a sociedade e os professores, possam criar possibilidades que auxiliem no desenvolvimento educacional destes jovens, combatendo assim as discrepâncias sociais e a desigualdade.

1.1 - DESIGUALDADE SOCIAL

A desigualdade social é um fator que gera significativas dificuldades educacionais para muitos jovens e crianças brasileiras. Muitas delas não conseguem sequer frequentar adequadamente uma escola, seja por trabalhar, por estar com fome, pelo desemprego dos pais, pela falta de acesso a uma escola ou por viverem em áreas precárias e violentas. Tais dificuldades derivam muitas vezes, da situação de pobreza em que muitos desses jovens vivem fazendo com que necessitem trabalhar para ajudar a família. Na maioria dos casos, essa dura realidade os leva a trabalhos informais, sem nenhuma garantia, sem a devida valorização e diante de uma prematura responsabilidade que os coloca entre o sobreviver e o aprender.

Acerca desta problemática, destaca-se que:

Certas atividades podem impedir as crianças de estudar ou interferir negativamente na escolaridade impossibilitando-as de obter um melhor trabalho, conseqüentemente, um aumento de renda, mesmo na fase adulta, uma vez que elas continuarão analfabetas ou lhes faltarão habilidades e conhecimentos para o melhor posicionamento no mercado de trabalho (KASSOUF, 2004, p. 62).

Com esta mesma perspectiva é possível afirmar que:

Uma criança que abandona a escola para dedicar-se ao trabalho, ou mesmo que divide seu tempo entre a escola e o trabalho estará comprometendo seu futuro e minimizando suas possibilidades de elevar sua condição social, reproduzindo, possivelmente, o mesmo caminho trilhado pelos pais (RAOPORT e SILVA, 2013, p. 23).

Caminho trilhado pelos pais que contribui para a criação de um círculo vicioso de desigualdade que vai se reproduzindo e se perpetuando, passando de geração em geração e levando consigo a chance de um futuro melhor para estas crianças e adolescentes. Neste processo contínuo, mudam-se apenas os personagens, mas não o processo de produção de desigualdade no qual, crianças e adolescentes são submetidos desde muito cedo. Uma realidade, muitas vezes, de violência doméstica e de gravidez precoce, onde as meninas são as mais afetadas.

O art. 268 da plataforma de Pequim de 1995, que trata sobre a situação e direitos das mulheres, aponta que:

Mais de 15 milhões de meninas nas idades de 15 a 19 anos dão à luz a cada ano. A maternidade em idade muito jovem acarreta

complicações durante a gravidez e o parto se constitui um risco de óbito materno muito superior à média. Os níveis de morbidez e mortalidade entre os filhos de mães jovens são muito elevados. A maternidade precoce continua sendo um impedimento para a melhoria da condição educativa, econômica e social das mulheres em todas as partes do mundo. Em geral, o casamento e a maternidade precoces podem reduzir severamente as oportunidades de educação e trabalho da mulher, bem como sua qualidade de vida e a dos seus filhos (UNFPA, 1995, p. 242).

Toda esta realidade encontra-se refletida nos dados apresentados pela Fundação Abrinq conforme discriminado na **Tabela 1**, que caracteriza a situação da taxa de abandono e da distorção entre a idade e série dos alunos e na **Tabela 2**, o percentual de alunos que estão fora do ambiente escolar.

Tabela 1: taxas de abandono e distorção idade-série em 2016, do ensino fundamental e médio segundo Grandes Regiões (%)

Grandes Regiões	Ensino Fundamental		Ensino Médio	
	Abandono	Distorção idade / série	Abandono	Distorção idade / série
Região Norte	3,2	27,3	10,8	41,9
Região Nordeste	3,1	25,2	7,8	36,1
Região Sudeste	1,1	12,5	4,9	20,7
Região Sul	0,9	15,5	6,3	24,3
Região Centro - Oeste	1,1	15,2	6,8	27,4
Brasil	1,9	18,6	6,6	28,0

Fonte: Ministério da Educação (MEC)/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)/ Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED).

Tabela 2: jovens entre 06 e 14 anos que estão fora do ambiente escolar

Ensino Fundamental		
Grandes Regiões	Total da população entre seis e 14 anos de idade	% sobre a população entre seis e 14 anos de idade
Região Norte	74.365	2,5
Região Nordeste	148.538	1,7
Região Sudeste	86.888	0,8
Região Sul	46.205	1,3
Região Centro-Oeste	31.514	1,5
Brasil	387.510	1,4

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2015.

1.2 - A FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Independentemente da conjuntura de sua organização familiar, é nela que se exerce primeiramente a socialização da criança e o início da inserção do jovem na sociedade. É nela onde as primeiras relações de interação se efetivam (ou não) e, é através desta interação, que a criança vai construindo seus valores, a sua história, a sua cultura. Seja esta, uma cultura de crescimento ou de vulnerabilidade.

De acordo com Bourdieu, o capital cultural que uma família oferece às crianças e aos jovens é fator essencial para o seu desempenho na vida e na escola. Em suas palavras: “A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma de relação, muitas vezes constatada, entre o nível cultural global da família e o êxito escolar da criança” (2007, p. 15).

Isso significa dizer que a cultura herdada é um estímulo (ou um desestímulo) à aprendizagem. Se uma família tem oportunidade de oferecer passeios culturais, acesso à literatura, escolas de qualidade, convivência com livros e filmes estará contribuindo com a formação, o crescimento e consequentemente, com o desempenho escolar de crianças e jovens, visto que estes já trazem certa bagagem de conhecimento de casa e especialmente, o “hábito” da aprendizagem. No entanto, aquelas crianças e jovens que crescem em um ambiente desfavorável, sem estímulos culturais, apresentam em sua maioria, dificuldades na aprendizagem. Ou seja, é preciso conhecer para reconhecer, interiorizar saberes, que foram previamente alicerçados diante das experiências culturais vividas, oportunizando assim, melhores condições de aprendizagem para o aluno.

É por essas razões que um conjunto crescente de educadores/as defende a ideia de que:

A família, por ser considerada uma estrutura de cuidado e ensinamentos, deve oferecer a criança e adolescente um ambiente equilibrado e incentivador, pois o desempenho dos mesmos está relacionado a este fator (BONFANTE E NEVES, 2017, p. 2).

1.3 - O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR NO DESEMPENHO ESCOLAR DO ALUNO

No que se refere ao papel da escola no desempenho escolar do aluno, a autora Maria da Glória Gohn, considera que à escola “é atribuído o espaço para o exercício da democracia, de conquistas de direitos” (1999, p. 2), porém segundo evidencia Pierre Bourdieu (2017), a escola formal trabalha num patamar de desigualdade, onde apenas aqueles que já têm um conhecimento de mundo conseguem atingir/alcançar um bom desempenho escolar.

Num país com tanta desigualdade social, como todos teriam acesso a essas culturas, como conseguiriam viajar, ler bons livros, etc.? Como um jovem pode adequar-se a uma metodologia – a da escola regular, formal - que tende a exigir um conhecimento prévio que ele não tem? Conhecimento este construído, como visto anteriormente, apenas por uma parcela da população. O autor Pierre Bourdieu (2007), conceitua esta cobrança (implícita) do ambiente escolar como uma “violência simbólica”, pois agindo desta forma, a escola está visualizando apenas uma forma de cultura, desconsiderando as outras.

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar a sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (BOURDIEU, 2007, p. 53).

É preciso, portanto, antes de tudo, que a educação escolar assuma a sua responsabilidade no enfrentamento das desigualdades sociais, reconhecendo-as como elemento constituinte de nossa sociedade e de nossa cultura. Ademais, é necessário buscar novas práticas, novas metodologias, que estimulem a aprendizagem e valorizem os alunos, considerando as diferenças culturais decorrentes de sua condição social. Uma prática pedagógica que reconheça os valores e fortaleça a autoestima destes estudantes e os ajudem a mudar sua situação de vulnerabilidade. Segundo, Maria da Glória Gohn, é preciso “[...] uma escola que una a formação para a cidadania, a transmissão competente de

conhecimentos básicos e prepare os indivíduos para o mundo da vida” (1999, p. 108).

Todavia, não podemos esquecer que o ambiente escolar é formado por gestores, coordenadores e professores, dentre outros profissionais. Apesar de todos terem um papel no desempenho escolar do aluno, é o/a professor/a, por estar mais próximo, aquele/a que pode influenciar mais diretamente na aprendizagem deste aluno, tornando-a motivadora e efetivamente, significativa.

Especialmente nos anos iniciais, a relação entre pares, ou seja, entre as crianças é fator essencial para uma melhor adaptação da criança ao ambiente escolar. Estas precisam se sentir acolhidas pelo professor que necessita estabelecer uma relação de confiança e de vínculo. “A confiança, nesse sentido, é fundamental para um casulo protetor que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana” (GIDDENS, 2002, p. 11).

Neste mesmo sentido, as autoras Sakai e Duarte (2012), alertam para o fato de que se um/a professor/a for autoritário/a ou afetivamente distante, ele/a possivelmente estabelecerá em seu aluno/a uma maior dificuldade de aprendizagem.

A necessidade de mudanças da qualidade da relação professor-aluno de forma a torná-la dialógica e afetiva em proveito do desenvolvimento integral dos sujeitos. Tal transição precisa ser liderada pelos professores, por meio de um processo de mediação de aprendizagens significativas, tanto do ponto de vista cognitivo quanto atitudinal (SANTOS e SOARES, 2011, p. 354).

Uma relação de confiança entre professor-aluno, com afetividade, é um fator fundamental para o processo educativo.

A afetividade converte a relação professor-aluno em uma experiência de vida e de construção da individualidade de cada um dos elementos deste par. Com isso, permite a vivência de uma relação que é fundamentalmente social e criadora de vínculos, propiciando melhores condições de ensino, dinamizando o processo educativo. É como se, inicialmente, a criança e o professor ficassem lado a lado diante de uma ponte e a aprendizagem e a afetividade fossem dois dos principais fatores que facilitam este percurso. Tal travessia ocorre com maior ou menor facilidade em função do tipo de vínculo estabelecido. Essa é a verdadeira essência do par educativo (SAKAI e DUARTE, 2012, p. 222).

O vínculo estabelecido entre professor e aluno pode fazer uma grande diferença na vida de estudantes que já trazem de casa uma situação de vulnerabilidades e precisam de estímulos para permanecer na escola. Portanto, é necessário que o professor reflita sobre a sua metodologia e analise a sua postura em sala de aula no intuito de promover melhorias na aprendizagem de seus alunos, considerando as suas origens e vulnerabilidades sociais, dando-lhes oportunidades para que cada um deles possa alcançar da melhor maneira possível, um patamar de igualdade de oportunidades.

De acordo com Wallon,

Toda criança, qualquer que seja sua origem familiar, social e étnica, têm o mesmo direito ao desenvolvimento máximo que sua personalidade comporte. Elas não devem encontrar nenhuma outra limitação que não seja a de suas aptidões. Portanto, o ensino deve oferecer a todos possibilidades iguais de desenvolvimento, oferecer a todos o acesso à cultura, democratizar-se menos por uma seleção que distancie os mais dotados do povo do que por uma elevação contínua do nível cultural do conjunto da nação. A introdução da 'justiça na escola' por meio da democratização do ensino porá cada um no lugar que suas aptidões lhe permitam, para o bem superior de todos (1992 apud CRAHAY, 2013, p. 14).

Diante de toda essa complexidade fica evidente que o papel da escola vai muito além da sala de aula. Para garantir os direitos sociais dos alunos, a própria Constituição Federal de 1988 assegura, ao lado do direito à educação, um conjunto de direitos, como pode ser observado em seu artigo 6º:

Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2016, p. 19).

A alimentação escolar é um direito social e primordial para os alunos em idade escolar. Para muitos estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade, a merenda se torna a sua principal refeição e a fonte para suprir suas carências nutricionais, tão importantes para o seu crescimento e desempenho educacional. Uma criança com fome não consegue se concentrar, nem mesmo se estimular para exercer as atividades diárias, o que no final acaba prejudicando o seu desempenho escolar.

A falta de alimentos saudáveis aumenta o quadro de desnutrição desses jovens que já apresentam alguma deficiência nutritiva herdada pela má alimentação da mãe no período da gravidez. A desnutrição favorece o aparecimento de doenças e, por conseguinte, o absentismo escolar, o que contribui negativamente sobre o desempenho escolar.

Para mudar este quadro em que muitos discentes se encontram, foi instituído o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que oferece alimentação a estudantes de diferentes etapas de ensino durante o período de sua permanência na escola.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE tem por objetivo contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo (FNDE/MEC, 2006, p. 6).

O programa do PNAE tem o objetivo de estimular hábitos saudáveis entre os jovens, além de contribuir para melhoria de sua aprendizagem. Porém, para que ocorra este estímulo de forma adequada, a escola precisa assumir este compromisso de forma a atender o que diz o artigo 14 da Resolução nº 26/2013 do PNAE: que a merenda deve ser elaborada por nutricionistas, respeitando os hábitos alimentares locais e valores nutricionais necessários para que seus estudantes possam desenvolver-se integralmente.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública. O governo federal repassa, a estados, municípios e escolas federais, valores financeiros de caráter suplementar efetuados em 10 parcelas mensais (de fevereiro a novembro) para a cobertura de 200 dias letivos, conforme o número de matriculados em cada rede de ensino (FNDE/MEC, 2017, p. 1).

Outro aspecto relacionado ao desempenho escolar refere-se à infraestrutura da escola. Para Pereira e Wassem (2014), uma escola necessita de uma boa infraestrutura para motivar os seus alunos. A falta de uma boa organização escolar, como pouca higiene, falta de segurança e problemas estruturais desestimula a

presença dos estudantes naquele ambiente escolar, prejudicando o seu desempenho.

Tais problemas estruturais são comuns nas escolas brasileiras, principalmente em áreas de vulnerabilidade, muitos desses ocasionados por falta de políticas públicas educacionais que valorizem este ambiente tão importante para o enfrentamento da desigualdade. No dia a dia de muitas escolas brasileiras, a falta de itens básicos é uma realidade. Falta água, material pedagógico, mobiliários, segurança, além dos problemas estruturais nas salas de aula, banheiros e cozinhas, comprometendo a educação especialmente das camadas mais vulneráveis da sociedade, conforme atestado a seguir:

Existe forte correlação entre boas escolas, disponibilidade de recursos e progresso escolar. A má qualidade da educação afeta diretamente as crianças mais vulneráveis provenientes de condições socioeconômico-culturais mais precárias. A escola (educação formal) deveria ter o papel de compensar as diferenças, diminuindo a desigualdade social, capacitando esses indivíduos (SIQUEIRA e GURGEL-GIANNETTI, 2011, p. 3).

Diante disso, ao pensar em crianças que vivem situações de vulnerabilidade é preciso considerar uma educação que cuide do humano como um todo, que considere a sua origem e pertencimento econômico e social, que promova a igualdade e a dignidade. É neste cenário educacional que se incluem as ONGs e as práticas de educação não-formal, que trabalham com princípios de igualdade e de justiça social.

1.4 - AS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

O termo “Organizações não Governamentais (ONGs)”, foi formulado inicialmente pela ONU⁵ na década de 1940, porém, no Brasil, só se tornou mais conhecido a partir de 1990 devido a grande estagnação no setor educacional e a busca por novas formas extracurriculares educativas.

A nomenclatura ONG inicialmente esteve associada a ONU e se referia a um universo de entidades que não representavam governos, mas tinham presença significativa em várias partes do mundo, como

⁵ ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

a OIT – Organização Internacional do Trabalho, O Conselho Mundial das Igrejas, Cruz Vermelha Internacional, e outras mais que passaram a ser estruturas articuladas à própria ONU, como a UNESCO⁶, suas missões de paz, a FAO⁷ etc. (GOHN, 1999, p. 75).

As ONGs são instituições sem fins lucrativos que trabalham com o acolhimento de jovens e crianças no intuito de auxiliar no seu desenvolvimento educativo e contribuir para o seu crescimento pessoal, no resgate ao respeito, na autovalorização, no enfrentamento da desigualdade, bem como na busca para a inserção destes jovens no mercado de trabalho. Uma organização que luta para transformar vidas e reescrever histórias de cidadãos que precisam conhecer os seus direitos e o seu lugar na sociedade. E é neste patamar de direitos para a igualdade que está fundamentado o trabalho das ONGs.

Para Ghanem (2012), as ONGs surgiram para promover a cidadania, defender e promover os interesses, principalmente os interesses daqueles que não tem condições de se defender sozinho, como as pessoas analfabetas. Uma defesa que é concebida através do estímulo, do acolhimento, da motivação, do reconhecimento do ser como um sujeito que pode contribuir com a sua própria resignificação.

Além desses aspectos apresentados, Inglesi e Siqueira afirmam que as ONGs “[...] representam uma das diversas possibilidades que existem atualmente para buscarmos avanços em diferentes setores, tendo sido mais evidentes suas intervenções no campo ambiental e educacional” (2011, p. 324). Segundo dados do IPEA⁸, há no Brasil, cerca de 33.052 ONGs atuando no campo educacional.

A partir das perspectivas apresentadas pelos autores Inglesi e Siqueira (2011), Ghanem (2012), Gohn (2006), compreende-se que as ONGs, são locais que buscam através de suas atividades diversificadas, promover a valorização e o respeito dos cidadãos, contribuindo com a construção da sua cidadania.

Nesse contexto educacional, Freitas destaca que a educação desenvolvida pelas ONGs é de forma complementar à proporcionada pela escola formal, através de atividades educativas como: “aulas de dança, palestras educativas, aquisição de

⁶ UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

⁷ FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. (Food and Agriculture Organization).

⁸ IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

novos hábitos alimentares, cuidados com a higiene e a saúde do corpo” (2007, p. 78). Um conjunto de ações que favorecem o crescimento e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Gadotti, complementa dizendo que as ONGs são grupos com “alguma organização formal que atuam tendo em vista a transformação de aspectos da realidade social considerado como negativos” (2000, p. 91).

A partir das perspectivas apresentadas pelos autores acima citados, compreende-se que as ONGs são locais que buscam através de suas atividades diversificadas, promover a valorização e o respeito dos cidadãos, contribuindo com a construção da sua cidadania.

1.5 - EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E O EDUCADOR SOCIAL

Quando falamos em educação, pensamos primeiramente na educação escolar, a que atua de forma hierarquizada e conteúdos pré-definidos, naquela que segue marcos regulatório dos setores que a regem e transcorre dentro da escola formal. Porém, a educação não se limita apenas a este ambiente escolar, ela ocorre também dentro o contexto informal e não-formal.

Corroborando com essa perspectiva de contextos educativos, o Artigo 1º da Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, estabelece que a educação abrange os processos formativos desenvolvidos no interior da família, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, assim como em movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações sociais. Compreende-se então, que a educação está em todo lugar, nas relações sociais, na família, na rua, em instituições educativas formais, não formais e informais.

Ou seja, o ato educativo não se limita apenas a um único ambiente e sim a múltiplos espaços de aprendizagens com suas práticas educativas, que oportuniza integrar novos saberes e habilidades aos sujeitos, através da educação formal, não-formal e informal.

Na concepção da autora Maria da Glória Gohn, a educação formal, não-formal e informal têm expectativas diferentes de aprendizagens: na formal, acontece na escola, em um espaço regido por lei e regulamentado pelas diretrizes nacionais, espera-se que os estudantes tenham uma aprendizagem efetiva e passem de série. Na informal, não há um resultado concreto, pré-definido para a aprendizagem, porém ela orienta a maneira de ser do indivíduo, sua forma de ser e pensar. Por fim,

a educação não-formal, um espaço educativo que acontece fora da escola, em locais com intencionalidade. “[...] intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (2006, p. 29). Que trabalha no resgate da autovalorização, para a igualdade, na luta contra a desigualdade e em prol da cidadania.

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura (GOHN, 2014, p. 7).

A autora acima complementa tais definições sobre formal, não-formal e informal, afirmando que:

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização seqüencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento. A educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiência anteriores, usualmente é o passado orientando o presente. Ela atua no campo das emoções e sentimentos. É um processo permanente e não organizado. A educação não-formal tem outros atributos: ela não é, organizada por séries/ idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento (GOHN, 2006, p. 30).

Trilla (2008), diz que a expressão não-formal só se popularizou na linguagem pedagógica no último trimestre do século XX, na década de 1960, com a publicação da obra [...] de PH Coombs: *The World Educational Crisis* (1968). Nela se enfatizava sobretudo a necessidade de desenvolver meios educacionais diferentes dos convencionalmente escolares. No livro citado, esses meios receberam indistintamente os rótulos de educação informal e não formal.

Jaume Trilla define educação não-formal como,

el conjunto de procesos, medios e instituciones específica y diferenciadamente diseñados en función de explícitos objetivos de formación o de instrucción, que no están directamente dirigidos a la

provisión de los grados propios del sistema educativo reglado⁹ (TRILLA, 2008, p. 32).

Trilla diz que mesmo que a educação formal, não-formal e informal não estando ligadas explicitamente, elas podem se relacionar através de “Relações de complementaridade”; “Relações de suplência ou de substituição”; “Relações de reforço e colaboração”; Relações de interferência ou contradição”.

Relações de complementaridade – “Cada uma das instâncias educacionais que o sujeito participa não pode atender igualmente a todos os aspectos e dimensões da educação” (2008, p. 46).

Relações de suplência ou de substituição – De suplência, quando um meio educacional assume alguma tarefa de outro meio, porém estas tarefas ocorrem de forma insuficiente e, de substituição, quando a educação não-formal passa a suprir uma necessidade da formal (2008, p. 47).

Relações de reforço e colaboração – “Certos meios educacionais não-formais e informais servem também para reforçar e colaborar na ação da educação formal” (2008, p. 48)

Relações de interferência ou contradição – Não há apenas colaboração “Há também interferências e contradições entre os diferentes tipos de educação” (p. 48)

Em relação à influência entre a educação formal e a não-formal, os autores Inglesi e Siqueira (2011), Freitas (2007) e Gohn (2006), estabelecem que a educação não-formal, que é oferecida por instituições não governamentais e faz um trabalho educativo para estimular a autoconfiança, e a autoestima, pode trazer influências positivas e contribuições que podem auxiliar na educação formal. “[...] mas não pode substituí-la” (ANELO E SOUZA, 2012, p. 3).

Assim, a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo (GOHN, 2006, p. 29).

⁹ o conjunto de processos, meios e instituições específica e diferenciadamente desenhados em função de explícitos objetivos de formação ou de instrução, que não estão diretamente dirigidos à provisão dos graus próprios do sistema educativo reglado. (grifo nosso)

Para Gohn (2014), quando os estudantes estão em fase de escolarização básica, a educação não-formal tende a colaborar no processo de aprendizagem. Contudo, seu papel não é substituir a escola, nem tampouco só ocupar os alunos em contraturno do horário escolar. Pois, ela tem o seu próprio papel, formar cidadãos para o mundo e para a vida.

Para Gadotti,

A união da educação não formal com a formal poderá contribuir para uma integração mais estreita entre direitos humanos e educação, pois a complementaridade entre o sistema formal e a oferta de educação não formal, reforça os modos alternativos de aprendizagem (2005 apud ANELO e SOUZA, 2012, p. 3).

Uma educação que segundo Gohn pudesse agregar à educação formal conhecimentos relativos às motivações, à situação social, à origem cultural dos alunos. Uma escola que contribua para “[...] corrigir a desigualdade das situações e das oportunidades” (1999, p. 108). E “condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos...” (2006, p. 30).

Nesse contexto entre os diferentes tipos de educação, aparece o perfil de um profissional que trabalha na promoção da cidadania, de valores, da empatia, o educador social, que atua na educação não-formal. De acordo com o Projeto de Lei do Senado (PLS) 328/2015, aprovada em 24 de abril de 2019 pela Comissão de Assuntos Sociais (CAS)¹⁰, que regulamenta a profissão de educadora e educador social, designa que os educadores sociais, são os profissionais que exercem “ações de educação e mediação no campo dos direitos e deveres humanos, da justiça social e do exercício da cidadania” (BRASIL, 2019, p. 3).

Um profissional que segundo a autora Maria da Glória Gohn (2007), desenvolve seu trabalho na base do diálogo, com princípios e metodologias a partir do contexto social e econômico da comunidade a ser trabalhada, um profissional que batalha junto a esta comunidade em busca de mudanças, dos sonhos e de possibilidades futuras.

¹⁰ Diário do Senado Federal nº 54 de 2019 pág. 673

As atividades desenvolvidas pelo educador devem não apenas mapear o presente, mas também levantar prognósticos. As possibilidades que o futuro oferece são uma força que alavanca mentes e corações em busca de mudanças. A esperança – fundamental aos seres humanos – reaviva-se quando trabalhamos com os sonhos e desejos de um grupo. O educador não-formal propõe, em suma, a produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, procurando trazer novo alento a essas culturas (GOHN, 2007, p. 17).

Um agente mediador, que busca através de suas práticas educativas, promover novos conhecimentos e auxiliar seus educandos na conquista de seus direitos e na busca de sua cidadania.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo abordará os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa, discorrendo acerca de sua natureza, os meios e instrumentos utilizados, a saber: levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas com professores e alunos da Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC). Para tratamento dos dados recorreu-se ao método de análise de conteúdo a partir da qual se discutem os resultados.

2 - NATUREZA, MEIOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa que busca aprofundar o conhecimento acerca da influência de práticas de educação não formal sobre o desempenho escolar de alunos em situação de vulnerabilidade social optamos por conduzir uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, através da realização de um estudo de caso.

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa por buscar compreender como as práticas educativas desenvolvidas pela ABCC influenciam no rendimento escolar de alunos carentes atendidos pela mesma. Segundo Prodanov e Freitas “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas” (2013, p. 70).

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da relação entre vulnerabilidade social e desempenho escolar, bem como acerca da atuação de organizações não governamentais junto a crianças e jovens carentes que apresentam dificuldades educacionais. Em um segundo momento, realizou-se visitas de campo à ABCC, para realização das entrevistas semiestruturadas com professores e grupos focais com alunos desta ONG a fim de buscar conhecer e compreender as ações exercidas na ABCC e sua influência na educação não-formal na visão destes sujeitos.

A pesquisa de campo, é definida como aquela que:

[...] é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 185).

Segundo Triviños, um estudo de caso: “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (1987, p. 133). Na pesquisa em tela, o objeto a ser analisado são as ações de educação não formal desenvolvida pela Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC) e sua incidência sobre o desempenho escolar de crianças e jovens atendidos pela organização.

Para o procedimento de coleta de dados realizamos levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas com professores da ABCC e grupo focal com estudantes desta mesma organização. A ABCC é tomada pela pesquisa como campo de estudo, em função da consistência de sua atuação, brevemente descrita a seguir, bem como pela relação previamente estabelecida entre a pesquisadora e esta organização.

Segundo Lakatos & Minayo, as entrevistas “[...] tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema” (2003, p. 196). Para Triviños, a entrevista semiestruturada é “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa” (1987, p. 146). Com este tipo de entrevista, o entrevistado tem a oportunidade de ser mais espontâneo, já que as informações solicitadas pelo pesquisador fazem partes das suas experiências pessoais.

Um grupo focal segundo Powell e Single, é “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objeto de pesquisa a partir de sua experiência pessoal” (1996 apud Gatti 2005, p. 7).

Como técnica para a análise dos dados, foi utilizada uma metodologia baseada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), no qual é compreendida em três fases 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A análise de conteúdo é descrita como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de

produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Triviños esclarece que a análise de conteúdo permite “o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza” (1987, p. 159).

2.1 - UNIVERSO PESQUISADO

A Associação Beneficente Criança Cidadã (ABCC) localizada no bairro do Cordeiro, na cidade do Recife, é uma entidade sem fins lucrativos que teve seus trabalhos iniciados no ano de 2000, a partir do sonho do desembargador Nildo Nery que ao presenciar a situação de vulnerabilidade de 24 famílias moradores das calçadas da Rua do Imperador Pedro II, localizada no bairro de Santo Antônio no Recife- PE assumiu o compromisso de ajudá-los. Além das moradias oferecidas, o senhor Nildo Nery criou a ABCC, uma organização não governamental voltada a promover o acesso dos moradores (especialmente às crianças e aos jovens) à alimentação, à educação, ao esporte e a cultura.

2.1.1 – Histórico e origem da ABCC

2.1.1.1 - missão

Promover a defesa dos direitos e o exercício da cidadania dos integrantes do espaço, criança, adolescentes e suas famílias, em especial aquelas com maiores vulnerabilidades, em situação de rua e risco social.

2.1.1.2 - visão

Ser reconhecida pela excelência das ações que são desenvolvidas para formação dos sujeitos e de sua cidadania.

A ABCC iniciou no ano de 2000 e tinha como presidente o desembargador Nildo Nery que também exercia o cargo de presidente no Tribunal de Justiça Federal (TJPE) e ficou exercendo este cargo na ABCC, até o ano de 2017.

Até o ano de 2002 o projeto esteve vinculado ao TJPE, mas no ano de 2003 se desvinculou tornando-se, a partir daí, uma Organização Não Governamental, a ABCC.

A primeira providência da ABCC foi oferecer uma moradia para os desabrigados que moravam no centro do Recife, e assim, foram construídas duas vilas para essas 24 famílias, a Vila Nossa Senhora de Fátima e a Vila São Francisco, ambas situadas no Parque do Caiçara, bairro do Cordeiro. Com o tempo esse número cresceu e, hoje o número de famílias é bem maior, em torno de 100 famílias. Esta foi a primeira grande ação da Associação, mas a proposta não era apenas abrigar as famílias e sim oferecer um suporte diário através da construção de um espaço de interação social onde eles pudessem ter acesso à educação, à cultura e promovendo assim, cidadania. Hoje este espaço cresceu e atualmente, oferece atividades psicopedagógicas para crianças e adolescentes do bairro Caiçara, bem como das comunidades vizinhas.

Atualmente, a ABCC sede funciona de segunda a sexta das 8 às 17 horas, em contra turno escolar, beneficiando atualmente 80 crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos que vivem em situações de vulnerabilidade social. Lá eles podem usufruir de refeições diárias, atendimento psicossocial, pedagógico, com aulas de português e matemática e também de práticas esportivas como karatê, judô e taekwondo, além de avaliação nutricional. A ABCC promove também palestras, celebração de datas comemorativas, passeios culturais para teatros, museus, convênios com escolas, reuniões com os pais, entre outros. Para se matricular na ABCC é preciso estar matriculados em uma escola de ensino formal e ser alfabetizado. A seleção é feita através de um teste de admissão para testar o conhecimento básico dos novos alunos em português e matemática. A própria ONG é que distribui nas escolas, panfletos e cartazes com as datas das novas admissões.

Hoje a ABCC é gerenciada pela OCC a Orquestra Criança Cidadã do Recife, que também gerencia a Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque. A atual presidente da Associação Beneficente Criança Cidadã é a senhora Myrna Salsa da Nóbrega Targino.

2.1.1.3 - Orquestra criança cidadã meninos do Coque

A Orquestra Criança Cidadã partiu da ideia do juiz de direito João José Rocha Targino que se uniu ao desembargador Nildo Nery para criar um programa voltado para a profissionalização de crianças e adolescentes carentes por meio da arte musical.

Atualmente a Orquestra Criança Cidadã, atende em torno de 330 crianças, adolescentes e jovens na faixa etária entre 04 e 21 anos. Na orquestra eles têm acesso à aula de violino, violoncelo, violão, aulas de teoria musical, reforço escolar, atendimento psicopedagógico, orientação nutricional, refeições diárias, entre outros benefícios.

2.1.1.4 Orquestra criança cidadã - OCC

Conta com um quantitativo de 150 crianças com idade entre 07 e 15 anos. Neste espaço eles têm acesso a aulas de artes marciais como o caratê, judô e taekwondo, atendimento psicossocial, reforço escolar, avaliação nutricional e refeições diárias. Para se candidatar é preciso que estejam matriculados em uma instituição pública regular, ser alfabetizado e morar em localidades próximas ao projeto.

2.2 – SUJEITOS PESQUISADOS E PRIMEIROS DADOS COLETADOS

A fim de analisar as práticas de ações não formais foram realizadas entrevistas semiestruturadas com todos os professores atuantes da ABCC e formados grupos focais com estudantes que frequenta no mínimo 01 ano esta mesma organização.

Os professores (P) participantes das entrevistas semiestruturadas foram duas mulheres que atuam nas disciplinas de matemática e português e três homens que atuam com aulas de judô, taekwondo e karatê, além da nutricionista (N) responsável pelo cardápio diário dos professores e dos estudantes. A participação destes profissionais foi realizada de maneira voluntária e a autorização para a publicação dos dados obtidos nas entrevistas também teve a autorização dos mesmos, todavia, serão mantidos os seus anonimatos, conforme está especificado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (anexo A).

A primeira etapa da entrevista destinou-se a caracterização deste profissional a partir da coleta de dados como idade, formação e vínculos profissionais. Esta caracterização nos possibilitou constatar que todos têm graduação específica em sua área de atuação. No segundo momento foram abordadas questões referentes à sua atuação na ONG, conforme descrito do **quadro 1**.

Quanto aos alunos (A), foram formados quatro grupos focais compostos por meninas e meninos das turmas T2, T3 e T4, com idade entre 07 a 14 anos que

frequentam o ensino regular do 3º ao 9º ano, levando-se em consideração, o tempo que eles participam do projeto (no mínimo, um ano). Salienta-se que os grupos foram separados de acordo com as escolas da rede regular que eles frequentam, resultando num quadro de quatro escolas, sendo, duas municipais e duas estaduais, apresentado no **quadro 2**.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados junto aos estudantes foram: construção coletiva de desenhos (representações visuais), entrevista em grupo e entrevista individual. Cada grupo desenhou a sua escola e a ABCC, definindo no desenho, o que gostam e o que não gostam, em relação a cada um desses espaços educativos (conforme figuras 2 e 3, abaixo). Cada estudante, individualmente, representou também, em outro desenho, as mudanças que percebia em si mesmo, em casa e na escola, depois que passou a frequentar a ABCC, (conforme figura 4), a seguir.

Figura 2– Gosto e não gosto da escola



Figura 3 – Gosto e não gosto na ABCC

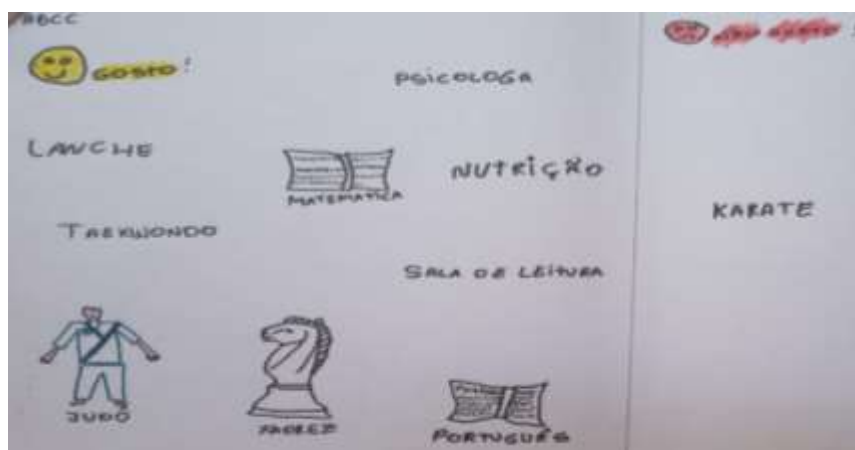


Figura 4 – Antes e depois da ABCC



Após esta primeira fase de pesquisa junto aos estudantes, realizou-se uma avaliação que indicou a necessidade de alguns ajustes no procedimento, tendo em vista a dificuldade é apresentada pelos estudantes do grupo focal quanto à realização de um desenho único sobre a escola de cada grupo e sobre a ABCC.

Fez-se necessário então, reformular a metodologia, dando ênfase a uma abordagem individual dos estudantes, em detrimento do levantamento grupal. Assim sendo, foram mantidas as mesmas técnicas de coleta de dados (desenho e entrevista), no entanto, de forma individualizada.

2.2.1 – Caracterização dos profissionais entrevistados

O **quadro 1** faz a descrição dos profissionais atuantes da ABCC, professores (P) e nutricionista (N). Os dados enfatizam o sexo, sua atuação na ONG e a sua formação acadêmica.

Quadro 1 - Perfil dos profissionais entrevistados

Sujeitos	Sexo	Formação	Atuação	Experiência Profissional
P 1	M	Educação Física	Taekwondo	Estágio em escola Formal
P 2	F	Pós-graduação em literatura brasileira	Português	ONG
P 3	M	Educação Física	Judô	Escolas formais e ONGs
P 4	F	Mestrado em Matemática	Matemática	Escola Formal
P 5	M	Pós graduação em Educação física escolar e Psicomotricidade relacional	Karatê	Escolas Formais e ONGs
N	F	Pós-graduação em nutrição esportiva nutricional.	Nutricionista	Escola Formal e ONG.

Fonte: a autora

Segundo dados do **quadro 1**, foram entrevistados cinco professores sendo duas mulheres e três homens, todos têm formação específica em sua área de atuação na ONG.

2.2.2 – Caracterização dos alunos entrevistados

Para conhecer melhor o perfil dos estudantes entrevistados, encontram-se caracterizados no **quadro 2**, dados como: sexo, idade, ano da escola formal, o tempo que participa da ABCC e qual escola formal este aluno frequenta no contraturno escolar.

Quadro 2 - Caracterização dos alunos entrevistados

Sujeitos	Sexo	Idade	Ano que frequenta (Escola formal)	Tempo que participa da ABCC	Escola Pública Municipal/Estadual
A 1	M	9	3º	02 anos	M
A 2	M	11	5º	02 anos	M
A 3	M	9	4º	02 anos	M
A 4	M	10	5º	03 anos	M
A 5	F	11	6º	05 anos	E
A 6	F	10	5º	02 anos	M
A 7	M	13	8º	05 anos	E
A 8	M	14	9º	08 anos	E
A 9	F	14	9º	10 anos	E
A 10	M	10	4º	02 anos	M
A 11	F	12	6º	05 anos	E
A 12	M	11	4º	05 anos	M
A 13	F	10	4º	03 anos	M
A 14	F	10	4º	02 anos	M
A 15	F	11	6º	03 anos	E
A 16	F	13	7º	04 anos	E
A 17	M	10	4º	04 anos	M
A 18	M	11	5º	04 anos	M
A 19	M	10	4º	03 anos	M
A 20	M	10	4º	04 anos	M
A 21	M	11	5º	03 anos	M
A 22	F	10	4º	04 anos	M
A 23	F	9	3º	02 anos	M
A 24	F	9	3º	03 anos	M
A 25	F	9	3º	01 ano	M

Fonte: a autora

Conforme descrito no **quadro 2**, foram entrevistados 25 Alunos, com idade entre 09 e 14 anos, sendo 12 meninas (48%) e 13 meninos (52%), que frequentam do 3º ao 5º ano, nas escolas públicas municipais e, do 6º ao 9º ano, nas escolas estaduais da cidade do Recife. O tempo que frequentam o projeto varia entre 01 a 10 anos.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão expostos os resultados das entrevistas anteriormente apresentadas neste trabalho, formuladas e organizadas para o objeto deste estudo.

3 – DADOS OBTIDOS NESTE ESTUDO

Os dados coletados foram sistematizados e analisados utilizando-se as etapas da análise de conteúdo, quais sejam, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação de acordo com Bardin (2016).

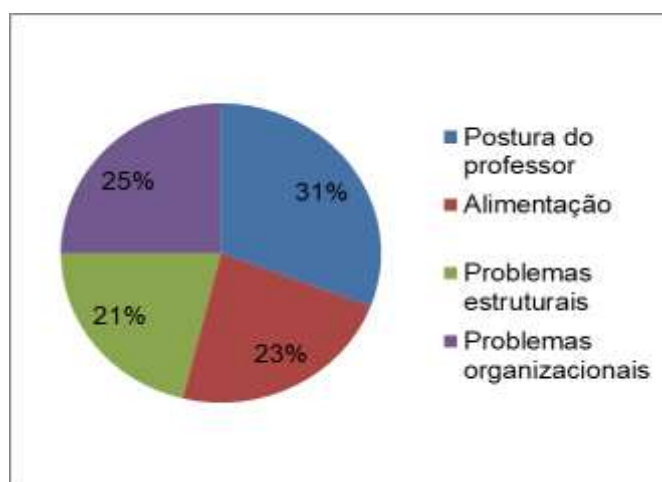
3.1 – ALUNOS E A ESCOLA FORMAL

Para formação dos grupos focais foram selecionados estudantes da ABCC meninas e meninos com idade entre 07 e 14 que frequentam a ABCC no mínimo há 01 ano. A seleção deu-se inicialmente através de uma conversa coletiva para coletar dados como o nome, idade, tempo no projeto e escola em que estuda. Em seguida cada grupo separadamente elaborou o desenho o que gostam e o que não gostam na escola e na ABCC, individualmente cada um representou o antes e o depois de entrar na ABCC “o que mudou”.

3.1.1 – O que não gostam em sua escola

Os desenhos construídos pelos alunos (coletiva ou individualmente) acerca de sua percepção da escola e da ABCC foram à base para que cada um apontasse os aspectos que consideram positivos (o que gostam) e negativos (o que não gostam) em cada um desses espaços educativos. As respostas para a questão “O que não gostam?” foram categorizadas em torno de 4 eixos: postura do professor; alimentação; problemas estruturais e problemas organizacionais. Os dados estão apresentados a seguir (Gráfico 1). A porcentagem atribuída a cada categoria de respostas expressa a sua frequência em relação ao total das respostas obtidas para cada questão.

Gráfico 1 – O que não gostam em sua escola



Fonte: a autora

Dentre os aspectos relacionados pelos alunos (A) sobre o que não gostam em sua escola, **a postura do professor** denota maior destaque no Gráfico 1, conforme relacionado no **quadro 3**.

Quadro 3: Postura do professor

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
Professor	“Eu não gosto de um professor porque ele é rígido e chato com a gente, ele não escuta o que a gente fala. Quando a gente tenta falar, ele manda a gente para diretoria e coloca mais tarefa”.	- Rígido; - Chato; - Não escuta.	(A 2)
	“Não gosto do professor porque ele é ignorante e grita muito”.	- Ignorante; - Grita.	(A 7)
	“Não gosto do meu professor, porque por nada ele fica gritando na sala e ele passa muita tarefa e não explica ”.	- Grito; - Não ensina.	(A12)
	“Eu não gosto da tarefa, o professor não explica direito. Ele só coloca e manda a gente fazer”.	- Não ensina.	(A11)

Fonte: a autora

Pode-se inferir que o destaque dado ao professor decorre da importância que este tem dentro do ambiente escolar. A relação interpessoal que é criada entre professor e aluno influencia significativamente no cotidiano escolar. A postura do professor em sala, como ele acolhe o aluno, como interage no seu dia a dia, o modo como ele conduz as atividades, se são exequíveis, se estão dentro do contexto

educacional de cada um, dentre outros, são fatores que podem tornar o ambiente escolar mais motivador ou não à aprendizagem. Esta é uma perspectiva defendida pelas autoras Sakai e Duarte quando afirmam que “[...] se um professor for autoritário ou afetivamente distante, ele possivelmente estabelecerá em seu aluno uma maior dificuldade de aprendizagem” (2012, p. 222). É preciso, portanto, criar uma relação de parceria, dialógica, afetiva, com atenção e respeito mútuo, onde cada um que compõe o ambiente escolar seja percebido em sua individualidade.

Entretanto, um ambiente acolhedor não depende apenas do professor, depende de todo um contexto escolar, como pode ser observado na fala dos estudantes no **quadro 4**.

Quadro 4: O ambiente escolar

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
Problemas Organizacionais	“Não gosto das brigas que acontecem, nem de ver alguém fazendo uso de drogas . Falta segurança”.	- Brigas; - Uso de drogas.	(A 16)
	“Não gosto do auditório, é muito cheio de poeira ”.	- Poeira.	(A 9)
	“Falta limpeza na escola, o pátio é sujo, cheio de pombos”. [...] na minha sala o ar condicionado está quebrado e está muito quente ”.	- Falta limpeza; - Sala quente.	(A 24)
Problemas Estruturais	“Não gosto da estrutura da escola, os banheiros dos meninos e das meninas não têm porta ”.	- Banheiros sem porta.	(A 19)
Alimentação	“Eu não gosto da merenda, porque vem com cabelo, um bocado de coisa, e eu acho nojento”.	- Vem com cabelo.	(A 18)
	“A água é ruim tia, tem um gosto horrível ”.	- Gosto horrível.	(A 14)

Fonte: a autora

Por ser um local de convivência diária, onde os estudantes passam boa parte do seu dia, o ambiente escolar deveria ser adequado as suas necessidades. Mas a realidade das escolas brasileiras é outra, principalmente as que ficam em áreas economicamente menos favorecidas. Salas de aula muito quente, banheiros sem privacidade, água e lanche sem condições de consumo, falta de limpeza e de

segurança são fatores que desestimulam não só a presença dos estudantes na escola, mas de todos que compõem o ambiente educacional, prejudicando a qualidade do ensino e o desempenho dos alunos.

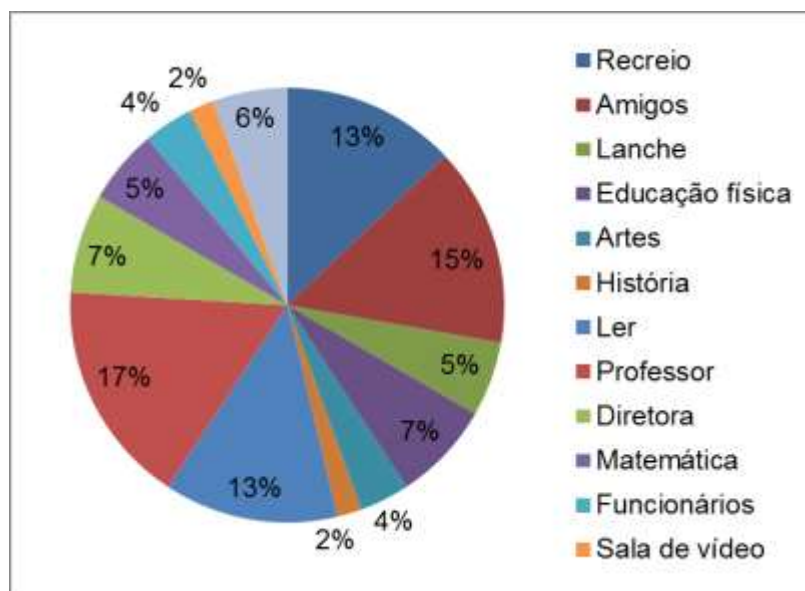
Existe forte correlação entre boas escolas, disponibilidade de recursos e progresso escolar. A má qualidade da educação afeta diretamente as crianças mais vulneráveis provenientes de condições socioeconômico-culturais mais precárias. A escola (educação formal) deveria ter o papel de compensar as diferenças, diminuindo a desigualdade social, capacitando esses indivíduos (SIQUEIRA e GURGEL – GIANNETTI, 2011, p. 3).

Esta fala dos autores reafirma como o espaço físico pode interferir no olhar que o aluno tem sobre a escola e contribuir com o seu desempenho. Portanto, um ambiente organizado e minimamente estruturado corrobora para melhores condições de aprendizagens.

3.1.2 – O que gostam em sua escola

O **gráfico 2** apresenta os dados coletados sobre o que gostam em sua escola.

Gráfico 2 – O que gostam em sua escola



Fonte: a autora

Ao se agregar as respostas “amigos”, “professor”, “funcionários” e “diretora”, representado no Gráfico 2, ou seja, respostas que fazem referência às relações

interpessoais obtém-se a marca de 43% das respostas à questão “o que gostam em sua escola?”, Conforme ressaltado no **quadro 5**.

Quadro 5 – Relações interpessoais

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
Amigos	“Eu gosto dos meus amigos , porque eu não gosto de ficar só”.	- Amizade	(A 17)
Professor	“Gosto de um professor, porque ele faz mais tarefa, coloca a gente para ler, brinca com a gente”.	- Brinca; - Conversa.	(A 12)
	“Eu gosto da professora de educação física, ela brinca com a gente, deixa a gente brincar”.		(A 3)
	“Eu gosto da professora de português, ela gosta de conversar com a gente”.		(A 13)
Funcionários	“Da escola gosto dos funcionários, eles são atenciosos , me respeitam ”.	- Atenção; - Respeito.	(A 11)
Diretora	“Eu gosto da diretora porque ela conversa comigo”.	- Conversa.	(A 4)

Fonte: a autora

Observa-se, através dos recortes das falas dos alunos que quando há uma função socializante, de afetividade, de interação entre as partes, professor, funcionários e amigos, estabelece-se um fator motivacional que torna o convívio na escola mais estimulante e mais agradável.

A afetividade converte a relação professor-aluno em uma experiência de vida e de construção da individualidade de cada um dos elementos deste par. Com isso, permite a vivência de uma relação que é fundamentalmente social e criadora de vínculos, propiciando melhores condições de ensino, dinamizando o processo educativo (SAKAI e DUARTE, 2012, p. 222).

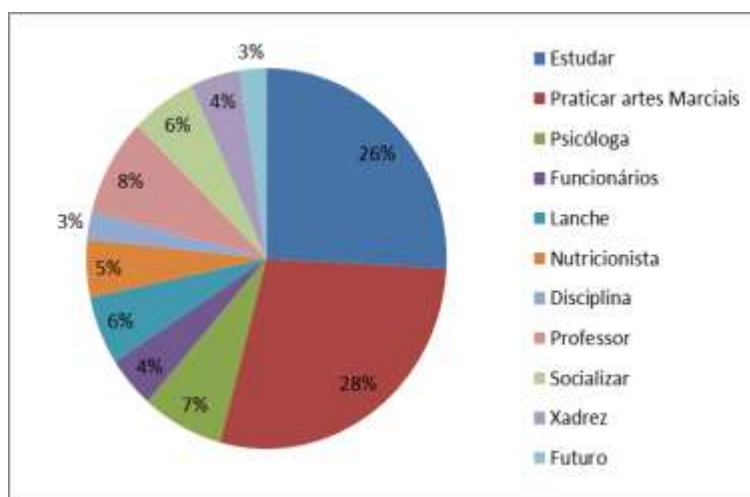
Uma boa relação entre professor e alunos, impulsiona o processo de ensino-aprendizagem, além de contribuir para uma visão positiva do aluno sobre o ambiente escolar. O processo de interação social inicia-se na família, porém a escola permite a continuidade desse processo de convívio social tão importante para a construção do sujeito e de sua cidadania.

3.3 – ALUNOS E A ABCC

3.3.1 – O que gostam na ABCC

A partir da elaboração (coletiva ou individual) de um desenho representativo da ABCC, foi solicitado aos alunos que respondessem à pergunta: O que você acha da ABCC? Por quê? No **gráfico 3**, é salientado o que eles gostam na ABCC.

Gráfico 3 – O que gostam na ABCC



Fonte: a autora

O trabalho com as artes marciais é apontado pelos alunos (Gráfico 3), como o que mais gostam na ABCC. A prática de esportes, além de trazer benefícios para a saúde, estimula a confiança, melhora a concentração, favorece o autocontrole, a determinação e a autoestima. A **tabela 6** apresenta tais resultados.

Quadro 6 – O que gostam na ABCC

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
Treinar Competir Me esforçar	“A ABCC é tudo na minha vida, eu sou um atleta graças a ela [...] Eu gosto do karatê e do judô porque eu gosto de lutar, de treinar , de competir de me esforçar em algo que eu queira”.	- Determinação; - Concentração.	(A 8)
Artes Marciais	“Eu gosto do taekwondo porque eu sou uma atleta . Ele tem tudo a ver comigo”.	- Confiança; - Socialização.	(A 11)
Fazer amizades	“Eu gosto do Judô porque eu		

	vou para os campeonatos, faço amizade ".		(A 7)
Esporte Defesa	"Gosto do esporte porque eles me ajudam a ter uma saúde melhor e a minha própria defesa".	- Autoestima; - Proteção.	(A 9)

Fonte: a autora

De acordo com as entrevistas, os estudantes veem na prática das artes marciais a possibilidade de um futuro melhor, conquistado a partir do seu próprio esforço, do seu **empoderamento pessoal**. É a busca por novos objetivos de vida, é a autovalorização, um novo caminho trilhado para lutar contra a desigualdade.

Durante a pesquisa outros enfoques foram dados pelos estudantes do que gostam na ABCC, como praticar a leitura, a chance de ter um futuro melhor, obter novas aprendizagens, socializar e fazer amigos. Tais afirmações estão descritas no **quadro 7**.

Quadro 7 – Crescimento pessoal

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
Melhorar a minha leitura	"Eu gosto da ABCC porque aqui eu posso melhorar a minha leitura ".	- Aprendizagem.	(A 9)
Aprende a ser alguém na vida	"Gosto do projeto porque aqui a gente aprende a ser alguém na vida , a dar alguma coisa para a nossa mãe".	- Futuro.	(A 6)
Ajuda no meu desenvolvimento pessoal	"Gosto, porque ajuda no meu desenvolvimento pessoal e nos conteúdos escolares como português e matemática".	- Valorização.	(A 19)
Aprendo e ensino coisas novas".	"Eu trato a ABCC como se fosse a minha família. Aqui eu aprendo coisas novas. Eu ensino coisas novas ".	- Troca de saberes.	(A 11)
Ela sempre vai estar lá".	"Gosto da psicóloga porque se você tiver algum problema ela sempre vai estar lá , por isso eu gosto bastante dela".	- Segurança.	(A 4)
Aprendi a gostar de pessoas.	"Na ABCC eu aprendi a gostar de pessoas , a me enturmar, a ter vários amigos".	- Amizade; - Socializar.	(A 5)

Fonte: a autora

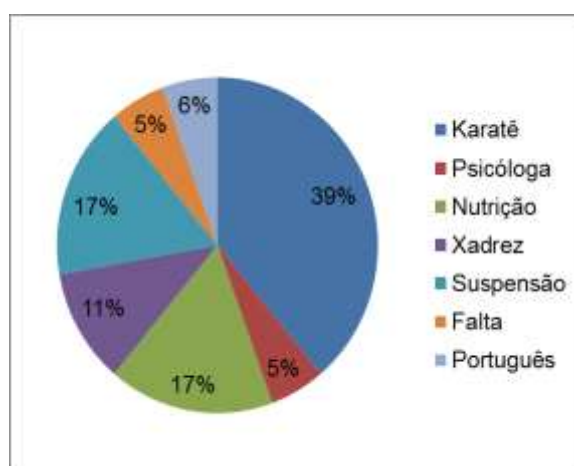
Manifesta-se também a oportunidade de ser ouvido e compreendido, de ter alguém para desabafar e ajudar diante dos problemas que vivenciam diariamente,

dando-lhes uma sensação de segurança e confiança, transformando o limite em oportunidades. “A confiança, nesse sentido, é fundamental para um casulo protetor que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana” (GIDDENS, 2002, p.11). Despertar este sentimento de compartilhar situações de vida é um primeiro passo para a socialização. Para aprender a dividir e ter interação com o outro. As dificuldades geram medo, desconfiança, Então, ao permitir-se falar, dialogar com o outro, está se construindo um novo eu, mais forte, e mais determinado, disposto a buscar soluções pra seus problemas, para as suas dificuldades.

3.3.2– O que não gostam na ABCC

Sobre o que não gostam na ABCC, os educandos de acordo com **gráfico 4**, enfatizaram não gostar de:

Gráfico 4 – O que não gostam na ABCC



Fonte: a autora

Das aulas de karatê e de português, de levar falta, suspensão, xadrez, da nutricionista e de conversar com a psicóloga. Conforme é salientado no **quadro 8**.

Quadro 8 – O que não gostam na ABCC

Indicador	Aspectos relacionados	Aspectos destacados	Alunos (A)
	“Não gosto de levar suspensão e falta, não gosto para não sair do projeto, porque eu gosto muito daqui. A suspensão ocorre por		

Suspensão; Falta; Ficar em casa ou na rua.	causa de mim, porque eu perturbei. A falta , porque às vezes a minha mãe atrasa o almoço ou porque tenho que demorar na escola fazendo trabalho”.	Deixar o projeto	(A 3)
	“Não gosto de ficar na sala de suspensão porque prefiro ficar no projeto de vez de ficar em casa ou ficar pelo meio da rua ”.		(A 4)
Professor	“O que não gosto é do karatê, acho que por conta professor , dá aula dele. Ela não é muito prática ”.	Metodologia	(A 9)
	“Eu não gosto da aula de Karatê , porque é chato para mim”.		(A 2)
Não gosto de falar	“Não gosto muito da psicóloga e da nutrição, porque não gosto de falar ”.	Falar sobre si	(A 10)
	“Não gosto muito da nutrição, porque não quero falar ”.		(A 25)

Fonte: a autora

Os discursos revelam que os estudantes têm uma menor satisfação com a didática de um professor, uma didática que não lhes permite uma maior descontração. Outras situações levantadas pelos estudantes mostrou que alguns ainda são retraídos e não se sentem prontos para conversar e desabafar sobre a sua vida. Foi relatado também o receio de sair do projeto devido aos seus próprios comportamentos e o temor de voltar à uma situação de risco social, de vulnerabilidade.

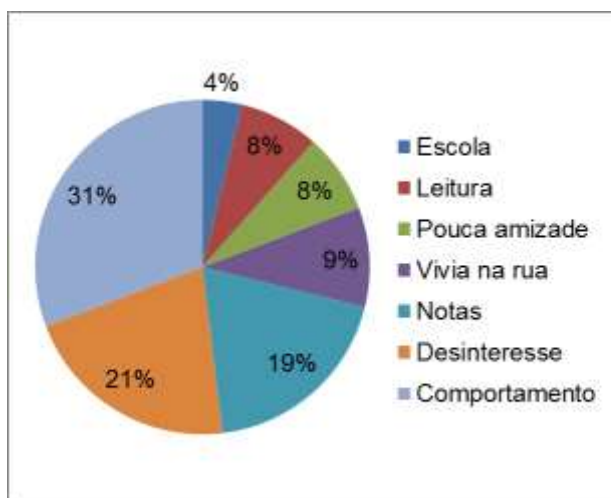
Para essas crianças que vivem em situação de desigualdade, a perda de uma oportunidade de mudar de vida, é sentenciar seu futuro a realidade que está vivendo atualmente, uma vida de privações, de violência, de fome e de miséria. Reconstituindo, reproduzindo, a sua situação familiar. Esta situação de reprodução é levantada por Grana e Bastos (2010), além da falta de escolaridade dos pais para ajudar os filhos, a situação de vulnerabilidade das famílias faz com que muitos precisem abandonar a escola para ajudar na renda familiar, mantendo assim, a mesma estrutura de dificuldades econômicas, visto que sem estudos, não irão conseguir bons empregos.

É possível entender tais receios, a realidade vivida não é fácil, o medo de permanecer nesta situação é compreensível. Mudar levar tempo, principalmente para essas crianças que já que trazem dificuldade desde o período da sua gestação. O importante é saber que somos seres inacabados, em eterna aprendizagem. Portanto, é preciso instigar esses ensinamentos, compreender, valorizar e investir nesses sujeitos.

3.3.3 – Antes e depois de entrar na ABCC

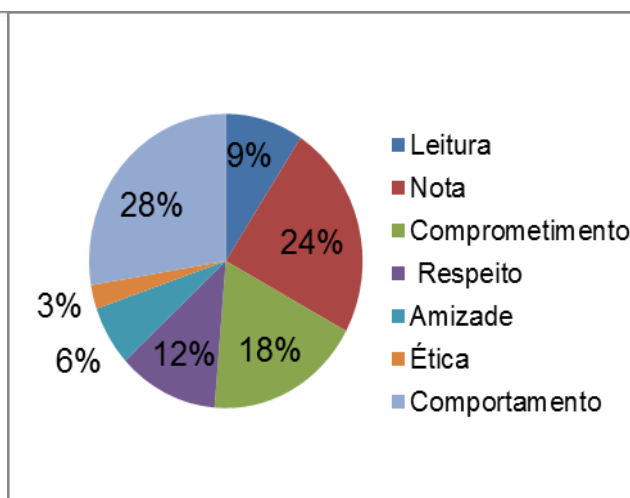
Ao falar sobre seus comportamentos, sua relação com a escola e em casa, antes e depois de entrar na ABCC, em consonância com o **gráfico 5 e 6**, os educandos disseram que:

Gráfico 5 – Antes de entrar na ABCC



Fonte: a autora

Gráfico 6 – Depois de entrar na ABCC



Fonte: a autora

De acordo com o **gráfico 5** acima, os estudantes expuseram que: vivia na rua brincando, brigando; não tinha disciplina, não tinha bons comportamentos em casa ou na escola; Não sabia respeitar o professor ou socializar, jogava papel nos professores; era desestimulado, apenas queria ficar vendo televisão ou ficar no celular; acarretando em notas baixas e dificuldades na leitura.

No exposto dos estudantes apresentado no **gráfico 6**, a participação no projeto da ABCC proporcionou mudanças na leitura, no social, (aprendendo a fazer amigos), nas suas notas, ao respeito pelos professores e aos colegas e também influenciou na sua convivência em casa e na escola, na aprendizagem (ao fazer suas atividades escolares, fazendo boas leituras), e na construção dos seus valores.

Tais dados dos gráficos acima (5 e 6), estão descritos a partir das respostas dos alunos no **quadro 9** apresentado abaixo.

Quadro 9 – Antes e depois de entrar na ABCC

Alunos (A)	Antes de entrar na ABCC	Depois de entrar na ABCC
(A 1)	“Eu vivia no computador e no celular. Não gostava de fazer minhas tarefas”.	“Depois que entrei na ABCC eu pratico esporte . Me sinto estimulado para fazer minhas tarefas da escola”.
(A 2)	“Antes de eu entrar no projeto eu só jogava bola na rua ”.	“ Agora eu tenho para onde ir , aqui eu pratico esporte. Meu comportamento em casa não mudou. Minhas notas também. Sempre me comportei bem e minhas são boas”.
(A 3)	“Antes, não gostava de fazer nada . Acordava tarde. E não conseguia fazer minhas tarefas da escola ”.	“ Aqui tenho a hora de estudar, de brincar, de ir para as artes marciais. E agora eu consigo desenvolver minhas tarefas ”.
(A 4)	“Eu era um menino que não fazia nada , apenas ficava vendo televisão, no celular ou computador. Na escola eu era comportado, mas tinha muita dificuldade de ler ”.	“Antigamente eu tinha muita dúvida em ler, aí depois que entrei na ABCC minha leitura melhorou muito . Agora eu fui considerado o aluno mais inteligente por participar do concurso de leitura ”.
(A 5)	“ Antes era só brincar , brincar e brincar, não fazia mais nada”.	“Agora tenho amigos , faço esportes, sou atleta do judô e melhorei na escola ”.
(A 6)	“Ficava em casa só mexendo no computador e no celular, não queria saber de escola . Eu não sabia ler . Antes na escola era papelzinho para lá e para cá ”.	“Hoje mudou tudo, Agora sei ler. Faço minhas tarefas, a prova , Aqui eu aprendi a me comportar bem na escola e em casa ; Aprendi a não fazer coisa errada”.
(A 7)	“Antigamente eu não gostava muito de ir para escola , só vivia perturbando na aula , eu só vivia na rua ”.	“ Melhorei muito na escola, nas minhas notas . Melhorou muito por causa das aulas de matemática e português. Antigamente eu não gostava muito de matemática, só tirava nota mal. Agora eu gosto mais da escola ”.
(A 8)	“Antes de entrar na ABCC a minha vida era muito monótona . Ficava no celular, computador. Eu não tinha problema com indisciplina. Mas as minhas notas não eram tão boas ”.	“ Aqui eu tenho aulas de português, matemática, e isso influenciou nas minhas notas da escola . Aqui sou mais ativo , faço esportes e xadrez. E ajudo na organização das turmas, e os novatos ”.
(A 9)	“Quando entrei na ABCC eu era muito pequena, não sabia ler, nem escrever , então, aqui foi como uma base para mim”.	“Aqui estou sempre aprendendo coisas novas, aprendi a ser mais paciente com os professores . E a fazer o meu futuro . Hoje eu sou uma atleta. Viajo, conheço outros lugares quando vou competir”.
(A 10)	“Antes eu ficava só no celular , ia para a rua e via televisão . Na escola eu perturbava na sala de aula e não tinha nota muito boa ”.	“Aqui estudo e faço esportes, estou tirando notas melhores e o meu comportamento também melhorou . Os professores me ajudam e a psicóloga”.

(A 11)	“Eu ficava sem fazer nada, era muito ruim, na escola às vezes eu perturbava . Eu chutava as portas , hoje eu não faço mais e minhas notas eram baixas ”.	“Agora tudo melhorou , o meu comportamento , minhas notas . Aqui eu aprendi o que é certo com a psicóloga, os professores e os funcionários. Todo mundo me ajuda. Eu não chuto mais a porta ”.
(A 12)	“Antes eu perturbava na escola , porque eu ficava triste quando alguém me perturbava. Minhas notas não eram muito boa também ”.	“ Aqui eu aprendi a ficar quieto, a melhorar o meu comportamento . Aqui ninguém me perturba, porque senão é suspenso. Minhas notas estão melhorando ”.
(A 13)	“Eu não obedecia em casa, acordava tarde , mas as minhas sempre foram altas”.	“ Melhorei meu comportamento na escola e em casa por conta dos professores que me ensinaram o que é respeito. O que é respeitar uma escola”.
(A 14)	“Eu não respeitava os professores ”.	“O taekwondo me ajudou a melhorar o meu comportamento ”.
(A 15)	“Eu respondia a minha mãe e na escola eu jogava papel nas professoras , eu era ignorante, eu era chata”.	“Eu não jogo mais papel nos professores , nem nos meus colegas. Conversei com a psicóloga e ela me orientou”.
(A 16)	“Antes eu só vivia na rua perturbando , respondia a minha mãe. Na escola o meu comportamento era uó meu Deus do céu, jogava bolinha de papel nas professoras , molhava os outros ”.	“Eu mudei muito tia, não faço mais nada isso. Respeito meus colegas e professores . Tenho disciplina . Os professores e a psicológica conversa muito com a gente”.
(A 17)	“Antes só queria estar na rua, não tinha um bom comportamento em na escola”.	“ Hoje tenho respeito pela escola e melhorei minha leitura também . Em vez de estar na rua eu prefiro estar aqui na ABCC praticando esporte e estudando”.
(A 18)	“Eu não tinha um bom comportamento em casa e na escola também. Não respeitava os professores ”.	“Através do professores daqui eu mudei meu comportamento, aprendi o que é ética , a ter educação e ter mais respeito pelos professores da escola ”.
(A 19)	“Eu gostava de brigar , tanto na escola como na rua”.	“Hoje eu não fico brigando e presto atenção na aula”. Porque os professores daqui ficam preocupados comigo.
(A 20)	“Eu gostava de brigar tanto na escola como na rua. Não tinha muita amizade . E eu tirava nota baixa ”.	“ Agora estou brincando, jogando bola com eles . Na escola eu não brigo mais e minha nota está melhor ”. Aprendi aqui como me comportar melhor.
(A 21)	“Eu vivia no celular, acordava tarde, não queria estudar ”.	“Agora acordo cedo e venho para o projeto, depois vou pra a minha escola. Minhas notas melhoraram ”. As professoras me ajudaram, elas explicam.
(A 22)	“Antes eu só queria ficar vendo televisão ou na rua brincando não gostava muito da escola ”.	“Agora eu vou para a escola e depois venho para o projeto, sou atleta, gosto dos campeonatos”. E faço todas as minhas atividades da escola .”
(A 23)	“Antes eu tinha muita dificuldade na leitura, eu não sabia ler ” e ficava triste.	“Agora eu estou lendo , a professora daqui me ensinou”.
(A 24)	“Não fazia as tarefas, ficava perturbando ”	“Agora não faço mais isso. Agora eu fico quieta na sala. Faço minhas tarefas ”.

	na escola”.	Aprendi a respeitar a escola.
(A 25)	“Eu não sabia ler , nem escrever direito. Não respeitava os meus professores na escola”.	“Agora sei ler e escrever e aprendi que devo respeitar os meus professores . Aqui aprendi o que é respeito ”.

Fonte: a autora

Muitas dessas crianças que vivem em situações de desigualdade não percebem na escola uma oportunidade e sim um espaço/tempo que o limita para o lazer e o trabalho. Um trabalho informal, inadequado à sua idade, mas que auxilia no sustento da sua família a curto prazo. Esse desestímulo também pode estar relacionado a falta de professores, a formação deste professor, a relação do professor com o aluno, a falta de segurança, o bullying, a falta de qualidade da alimentação escolar, etc. Contexto também levantado por Pereira e Wassem (2014), que dizem que uma escola necessita de uma boa infraestrutura para motivar os seus alunos. Portanto, a falta de eficácia da escola, os recursos humanos e estruturais prejudicam o desenvolvimento do aluno e também a visão que ele tem do âmbito escolar.

As observações expostas pelos alunos sobre as mudanças que ocorreram em seus comportamentos e notas escolares, evidencia-se na prática dos professores que atuam na ONG, os educadores sociais, assim como todo o coletivo de atividades que a ABCC oferece: como o esporte, psicóloga, nutrição, as aulas de português e de matemática, todas essas propostas educacionais, deram um novo enfoque a sua educação, através da disciplina, dos valores aprendidos, da valorização, do respeito, da ética, da autoaceitação, do tornar-se pessoa, do crescimento, de reconhecimento, da possibilidade de um futuro, de transformações de suas realidades sociais na busca da igualdade.

O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança-fundamental aos seres humanos, reaviva-se quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado, com os sonhos e os anseios de um grupo (GOHN, 2009, p. 34).

Todas essas reflexões nos levam a entender que a qualidade do ambiente educativo e a prática discursiva de um professor podem estimular ou não os seus alunos. A boa imagem de ambos estimula o aprendizado, seja através de suas práticas exitosas, ou pela maneira que este espaço educativo envolve o aluno.

3.4 – O QUE DIZEM OS SUJEITOS

Os dados apresentados a seguir, obtidos através das entrevistas com os professores e da nutricionista da ABCC, referem-se ao papel de educador social, suas estratégias metodológicas, sua visão sobre o aluno e sobre o seu desempenho na escola formal, além das dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento do seu trabalho na ONG.

Sobre a sua atuação na ABCC, os professores expuseram que:

Em minha atuação como professor de judô aqui na ABCC, trabalho dando **acolhimento, cobro**, dou apoio, atenção, ensino, insisto, persisto até compreenderem, **mostro minha preocupação com eles**, com a sua segurança e o seu futuro. Estou sempre **incentivando-os**, dou **conselhos sobre a importância da escola**, que eles precisam estudar, se comprometer, para poder ser alguém na vida. (P 1).

Ensino a **respeitar os professores**. Estimulo a irem para a escola. A **querer ser alguém na vida**. Quando entrei aqui, vi que precisava remodelar a minha experiência como professora, porque além de ensinar, é preciso **acolher, motivar, abraçar, escutar** (P 2).

O trabalho como professora de português aqui na ABCC é um trabalho muito diferenciado. [...] utilizo de **diferentes abordagens** para que ele aprenda. Tiro as dúvidas, dou atenção, sento junto com o aluno, **mostro** a eles **a necessidade dele aprender** tal assunto, para que ele leve isso para o resto da sua vida (P 3).

[...] nas minhas aulas de taekwondo ministradas na ABCC, uso a **ludicidade** para eles brincarem, se divertirem, trabalho com uma rotina, uso de **diversos métodos** para chamar a atenção dos estudantes, permitindo que eles possam entender os **fundamentos** da arte marcial (P 4).

Hoje no projeto, o qual trabalhamos, temos um olhar diferenciado. Não é só a questão do escolarizar, nós trabalhamos com a educação não formal. Educação de base, nos princípios de valores pautados na **disciplina**, na **moral**, na **ética**, nas boas **condutas** (P 5).

Trabalho na função de nutricionista. Meu trabalho consiste na educação nutricional dos alunos, no intuito de melhorar seus **hábitos** alimentares (N).

É possível depreender da fala dos professores, mesmo daqueles que possuem experiência docente anterior que, ao adentrarem no campo da educação não-formal, logo se evidencia a necessidade de qualificação de sua prática docente. Uma prática que, para muito além dos conteúdos didáticos, constitui-se como uma prática de

intencionalidade marcante, de dedicação ao outro, de luta pelo outro. Uma prática que requer ludicidade, rotina, disciplina, exemplos, mas que principalmente, favoreça a aprendizagem e estimule as crianças para o caminho da escola e de novas oportunidades. Uma educação que segundo Gohn, é desenvolvida em ONGs, cheia de “[...] intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (2006, p. 29).

A fim de aprofundar as reflexões, foi solicitado que os entrevistados fizessem uma comparação com outras experiências educacionais vivenciadas por eles, através das seguintes perguntas: Você já trabalhou em escolas da rede formal de ensino? Que diferenças você percebe? A que você atribui essas diferenças?

As respostas foram: “Sim. Na escola estadual falta apoio, trabalho no imprevisto, dificultando bastante as adaptações do trabalho” (P 1); “Fiz apenas estágio” (P4). “Meu primeiro trabalho como educadora foi aqui na ONG” (P2).

Sim. Na escola formal se vive muito mais a metodologia, mas na ONG este **método** é feito de maneira **diversificada**, mais **dinâmica**. **O diferencial está no saber ouvir**, dar atenção, deixá-los à vontade para **expressarem as suas dúvidas**, pois percebo que muitos alunos tem uma retração de perguntar, de tirar as suas dúvidas na escola formal (P 3).

Tais observações a respeito da experiência educacional em espaços formais e não-formais, evidenciam que a diferença de metodologia de ensino do professor atuante no espaço não formal, é baseada no diálogo, de maneira diversificada o que auxilia na aprendizagem dos alunos. As práticas educativas deste enfoque é evidenciado por Gohn (2007), que salienta que a base do trabalho de um educador social é o diálogo provido de princípios, metodologias e variados conhecimentos em relação aos seus alunos.

No intuito de entender as estratégias de ensino utilizadas no espaço de educação não-formal (a ABCC) buscou-se junto aos entrevistados que estes descrevessem recursos/estratégias metodológicas utilizadas, solicitando que apontassem aquelas que consideravam ter maior impacto sobre a aprendizagem dos alunos.

As respostas foram: “Para estimular suas aprendizagens, gosto de utilizar **material diferenciado**, bem como dar atenção pessoal, **ser próxima**, e **mostrar disponibilidade** para auxiliá-los em suas dúvidas” (P 2); “Utilizo recursos como teatro, vídeos, brincadeiras para que as crianças entendam a importância de uma alimentação adequada” (N); “Faço uma aula dinâmica, lúdica, dividida por classe. **Trabalho com o lúdico** para que ele, o aluno, desperte, busque o esporte como uma diversão, procuro atender bem, acolher” (P 1).

[...] gosto de **interagir** com os alunos utilizando ajudar na assimilação e melhorar a sua aprendizagem. Gosto de **incentivá-los a se integralizarem** em seu próprio conhecimento, pois tenho percebido nas aulas uma **necessidade** que estes têm **em se sentirem úteis** (P 3).

Pelo menos uma vez por semana relembro para eles os **princípios** do taekwondo que são: a cortesia, a integridade, perseverança, autocontrole e espírito indomável. Esses ensinamentos estão fazendo com que tenham uma melhora em sua aprendizagem. Gosto de **estimulá-los** através de **conversa**, de táticas, oportunidades (P 4).

Porque, como trabalhamos com crianças carentes procuramos **trabalhar o social**. (...) E para melhorar **a autoestima** dessa criança, eu **uso o outro e o meio**. O meio que ele está, é propício para que ele possa **chegar aonde ele quer**. **O professor ele é facilitador desse processo** (P 5).

A análise das falas permite identificar uma diversidade de estratégias metodológicas utilizadas pelos professores com o propósito de melhorar a aprendizagem do aluno, de forma mais dialógica, atrativa, afetiva e incentivadora, utilizando-se de diferentes recursos, estimulando-os a participarem do seu próprio processo de ensino e de aprendizagem. Uma série de estratégias e de recursos voltados para a promoção da autonomia e da autovalorização na busca da cidadania. “Assim, a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. [...] Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo” (GOHN, 2006, p. 29).

Em relação à percepção dos professores sobre o desempenho escolar, foi solicitado que os entrevistados respondessem ao seguinte questionamento: Você percebe um melhor desempenho escolar dos alunos? Por quê?

Sobre este assunto, os professores disseram que: “Desde que foram inseridas essas **atividades com esportes**, a melhora foi bastante significativa, influenciando significativamente em suas notas na escola formal” (P.4); “Acredito que o meu **papel de educadora** influencia na aprendizagem da escola formal, porque os alunos comentam que conseguiram acertar o assunto, devido à minha explicação” (P 2).

Não acompanho o desenvolvimento escolar, porém **com a alimentação recebida**, alguns alunos estão conseguindo se **desenvolver fisicamente melhor** e, por conseguinte, tem **mais disponibilidades para as atividades** (N).

Considero que **todo o trabalho desenvolvido na ABCC** tem impacto na aprendizagem, pois **as atividades favorecem o seu crescimento pessoal, ajuda nas dificuldades** que encontram na **escola** e também no seu **ambiente familiar**. Que o **interesse** pela escola formal tem melhorado devido à preocupação, à **cobrança** que os **professores da ONG** fazem para que eles tenham um bom desempenho escolar (P 1).

[...] a **atenção** que damos a eles, o **cuidado**, de acordo com o que seus pais falam, está influenciando diretamente na educação formal. Visto a oportunidade de aprendizagem, quando se dá o **feedback das atividades**, seja para corrigir ou não (P 3).

Dentro das orientações das aulas de Artes Marciais, a gente trabalha muito uma filosofia que é a **concentração**, o **respeito**, a **atenção** e tudo que eles aprendem, o comportamento e a atenção, eles levam para a vida deles. O **respeito ao professor**, esse aprendizado extrapola o dojo, e vai para a sua sala de aula (P 5).

Segundo a resposta dos professores acerca da influência de suas ações sobre o desempenho escolar, estes responderam que fica evidenciado através das declarações dos pais e dos próprios alunos que comentam sobre a sua vida escolar. Dos pais, quando estes chegam e falam sobre o desenvolvimento do seu filho na escola e em casa, depois que está na ABCC, e que esta nova atitude se deve aos cuidados dos professores, ao ensino, as ações que a ABCC desenvolve, cobrando comportamentos, atitudes e valorizando os interesses desses estudantes. Em relação aos alunos, quando estes apresentam um feedback de suas atividades escolares e de sua visão sobre a escola, da mudança de seus comportamentos em relação aos professores da escola formal e o interesse na realização de suas atividades escolares.

A constatação destas mudanças de atitude e de visão sobre a escola corrobora a importância da educação não-formal na construção de novos valores que incidirão sobre o seu desempenho escolar. Tais constatações trazidas pela presente pesquisa coadunam-se, portanto, à afirmação de Trilla de que: “Certos meios educacionais não-formais e informais servem também para reforçar e colaborar na ação da educação formal” (2008, p. 48).

Ainda durante as entrevistas com os professores, foi solicitado que os mesmos apontassem as principais dificuldades enfrentadas para a ação da ABCC. As respostas foram: A minha maior dificuldade, é que eles continuem em casa o que aprenderam sobre comida saudável aqui na ONG” (N).

Acredito que a **família** é um dos principais fatores que prejudica o desempenho da criança, visto a falta de interesse dos mesmos. Onde os alunos estão construindo uma oportunidade de crescimento e os pais não estimulam este desenvolvimento (P 1).

Minha maior dificuldade é o **acompanhamento dos pais**. Às vezes, não só aqui, mas em qualquer outro lugar, os pais, muitas vezes, não interage com a gente. O seu filho precisa de acompanhamento, não só a educação, como também da família (P 5).

A maior dificuldade apresentada pelos professores para realizar de maneira mais significativa o seu trabalho é o apoio da família. Ressentem-se da falta de ajuda dos pais para mudar o futuro deles, seja participando das reuniões, indo aos campeonatos, incentivando-os, motivando – os, pois sabem que a motivação é o que impulsiona a conquista. A motivação é a força que se precisa para seguir em frente e alcançar novos desafios. “A família, por ser considerada uma estrutura de cuidado e ensinamentos, deve oferecer à criança e ao adolescente um ambiente equilibrado e incentivador, pois o desempenho dos mesmos está relacionado a este fator” (BONFANTE E NEVES, 2017, p. 2).

Finalizando a entrevista, foi solicitado que os entrevistados respondessem o que eles consideram como mais significativo na ação da ABCC. Tal indagação levou às seguintes reflexões:

Acredito que seja o **resgate da cidadania, a valorização**, o despertar para novas oportunidades, o mais significativo nas ações da ABCC (P 1).

Acredito que todo **o trabalho oferecido na ABCC** é o que contribui para oferecer novos caminhos na vida destas crianças e adolescentes. Que cada uma destas ações é determinante para que estes jovens **acreditem que é possível ir mais além** (P 2).

Eles precisam de **incentivos** e sabendo que posso ser uma dessas maiores incentivadoras, eles vão alcançar voos altos, utilizando de **palavras simples de afirmação, motivadoras** e dizer “você pode”, você consegue, eu sei que vou encontrar você como um advogado, um engenheiro, com isso, estão **acreditando** mais neles mesmo (P 3).

[...] é **o trabalho em conjunto** de todos que compõem a ABCC. Por isso o meu **papel de professor** vai muito mais além de dá aulas, damos conselho, ajudamos a se preparar para a sua vida futura, **incentivando** para que se tornem bons cidadãos (P 4).

É **o cuidar**, é o tentar oferecer o melhor para que eles possam ser alguém na vida. A gente tem essa preocupação também de **trabalhar esse afeto** com o aluno. **Mostrar que ele é capaz**, que é importante, e que todos podem **almejar** e conseguir um dia ter uma vida social melhor, como eu consegui (P 5).

As atividades oferecidas pela ONG favorecem para estes jovens uma visão de que podem deslumbrar um novo futuro para si e também gerar novas oportunidades, transformando-os, fazendo com se diferenciem dos outros jovens que pertencem à mesma comunidade, mas não tem acesso ao projeto (N).

Para os profissionais da ABCC, o conjunto das ações da ONG é o mais significativo. Significativo por conta dos profissionais que lá trabalham, das palavras de afeto, da motivação, da valorização, do exemplo de suas vidas, e também de outras vidas, da prática do professor que os motiva diariamente, como se fossem pequenos brotos, preste a germinar, uma flor única, que precisa de cuidados diários para se sentir seguros, para que acreditem em si mesmo, e se tornem resilientes diante das suas dificuldades. Todo um coletivo de ações que contribuam para o seu desenvolvimento pessoal e educacional e na construção de suas cidadanias. Ações desenvolvidas no palco de uma educação não-formal que oferece “condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos...” (GOHN, 2006, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação está presente nas nossas vidas de várias maneiras, constituindo-se assim, em uma verdadeira prática social que acontece diariamente, tanto em espaços informais, quanto em espaços formais ou não-formais de educação. Assim sendo, encontram-se na sociedade como um todo, via práticas educativas, possibilidades de atuação frente à situação de vulnerabilidade social a qual estão submetidas inúmeras crianças e jovens brasileiros.

O campo da educação não-formal é apresentado neste trabalho como uma área de atuação educacional voltada às necessidades do grupo atendido, utilizando de metodologias variadas que favorecem a motivação, a autoestima e o respeito ao cidadão. No que concerne à educação formal, esta é apresentada como aquela que acontece em ambientes escolares, de forma hierarquizada e com conteúdos já estabelecidos pelos setores e marcos regulatórios que a regem.

O presente trabalho delimitou esses dois campos educativos, para discernir as contribuições da educação não-formal sobre o desempenho educacional de crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social e que muitas vezes são vistos como alguém sem potencial para se desenvolver, vivendo situações discriminatórias perante a sociedade. Para isso, procurou-se investigar as ações de educação não-formal oferecidas na Associação Beneficente Criança Cidadã, uma organização não governamental com atuação no bairro do Cordeiro, em Recife/PE.

A partir dos dados levantados, identificamos um conjunto de ações, como as artes marciais, as aulas de português, de matemática, o atendimento psicológico, além de ações no campo nutricional. Em tais ações oferecidas na ABCC são também explicitadas as metodologias adotadas pelo professor, denominado na educação não-formal, de educador social.

Dentre as ações, identificamos que a influência sobre o desempenho escolar dos alunos, acontece principalmente pela base afetiva construída diariamente através da motivação, do respeito e do acolhimento, o que constrói a motivação necessária para a aquisição de novos aprendizados. Ressalta-se, assim, que as ações da educação não-formal estabelecem não apenas contribuições no campo da aprendizagem, mas especialmente por constituir-se como uma educação para a

cidadania, na medida em que possibilita o resgate de valores e contribui de maneira significativa na construção do sujeito, conduzindo-o a refletir sobre a sua condição social de maneira crítica e a buscar novas oportunidades e mudanças para a sua própria vida.

No que se refere ao envolvimento da família para a construção de possibilidades de superação dos desafios enfrentados pelos estudantes atendidos pela ABCC, os dados revelam residir aqui o maior desafio para que as ações desenvolvidas possam ser potencializadas. Essa constatação nos permite sugerir que uma atenção especial seja dada pela instituição à relação com a comunidade, intensificando, na medida do possível as ações dirigidas às famílias.

Espera-se, portanto, que este trabalho possa contribuir de forma significativa para o aprofundamento do debate acerca dos desafios educacionais decorrentes da situação de vulnerabilidade social, bem como acerca das possibilidades e desafios das práticas de educação não-formal. Mais importante ainda será que ele venha a estimular novas pesquisas sobre as contribuições de tais práticas educativas na construção de uma educação para a justiça, para a cidadania, para a luta dos direitos e pela igualdade.

REFERÊNCIAS

BONFANTE, Rosani; NEVES, Luiz Alberto. **Influência familiar na motivação para estudar e os reflexos sociais**. Santa Catarina – RS, set. 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/Rosani-Bonfante.pdf>>. Acesso em: 02 nov.2019.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio dos. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 74-80, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702005000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação** / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **A produção social da cultura, do conhecimento e da informação** / organização Regina Maria Marteleto e Ricardo Medeiros Pimenta. - 01. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. **Projeto de Lei n. 328/2015**. Regulamenta a profissão de educador e educadora social e dá outras providências. Brasília, 2019. Disponível em:<<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/121529>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2018. **Principais indicadores da infância e da Adolescência**. Fundação Abrinq.

CRAHAY, M. Tetê bien faite, tête bien pleine? Recadrage constructiviste d'un vieux dilemma. Perspectives, v. XXVI, n. 1, p. 59-89, mar. 1996. **Cadernos Cenpec, São Paulo**, v.3, n.1.p. 9-40. Jun.2013. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/viewFile/202/231>>. Acesso em: 13 jan. 2019

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. **Escola e Organização Não Governamental: educação formal e não-formal de jovens da periferia de Fortaleza**. *Cad. CRH* [online]. vol.20, n.49, pp.77-94. Salvador, 2007.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs). Métodos de pesquisa coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de

Graduação Tecnológica – **Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS.** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Zahar, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política.** São Paulo: CORTEZ, 1999. (Coleção questão da nossa época; v71).

_____. Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social.** In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1, 2006. Proceedings online... Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 02 Jan. 2019.

_____. Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos.** Investigar em Educação - Educação Não Formal e Aprendizagens Informais. Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, II^a Série, Número 1, 35-50. 2014.

_____. Maria da Glória. **Não fronteiras: universos da educação não formal.** 2. ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

_____. Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GHANEM, Elie. **As ONGs e a responsabilidade governamental com a escola básica no Brasil.** Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 51-65, maio/ago. 2012.

GRANA, Leila; BASTOS, André G; **Vulnerabilidade Social: O Psicodiagnóstico como Método de Mapeamento de Doenças Mentais.** Revista: PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, v.30, n3, p.650-661, 2010.

HOGA, L.A.K. Maternidade na adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [on-line] 2008;16(2):1-8. Disponível em: URL: www.scielo.br/pdf/rlae/v16n2/pt_17.pdf

INGLESI, Ana Shitara; SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa. **A leitura nas organizações não governamentais e inter-relações com a escola pública.** *Educ. Pesqui.* [online]. vol.37, n.2, pp.321-338. São Paulo, 2011.

KASSOUF, A. L. et al. **O Brasil e o trabalho infantil no início do século 21.** Brasília: OIT, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 22. ed. Atlas: São Paulo, 2007.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar; WASSEN, Joyce. **Fatores e Desempenho escolar de alunos de Escola Pública do município de Campinas- SP**. EdUECE - Livro 3. ENDIPE 2014. São Paulo - SP.

PLATAFORMA DE PEQUIM. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/declaracao_pequim.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAOPORT, Andrea; DA SILVA, Sabrina Boeira. Desempenho escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social. **REVISTA EDUCAÇÃO EM REDE: FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE - ISSN 2316-8919**, [S.l.], v. 2, n. 2, abr. 2013. ISSN 2316-8919. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/article/view/410>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

SAKAI. Joana D'arc Marinho Corrêa; DUARTE. Walquiria Fonseca. **Desempenho escolar e a relação professor-aluno por meio do teste do par educativo**. Boletim de Psicologia, 2012, Vol. LXII, Nº 137: 221-238.

SIQUEIRA, Cláudia Machado; GURGEL-GIANNETTI, Juliana. Mau desempenho escolar: uma visão atual. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 78-87, Feb. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302011000100021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302011000100021>.

SOARES, J. F. **Melhoria do desempenho escolar dos alunos do Ensino Fundamental**. Cadernos de pesquisa, 37 (130), 135-160. 2007.

_____. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. **REICE. Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, [S.l.], v. 2, n. 2, jul. 2004. ISSN 1696-4713. Disponible en: <<https://revistas.uam.es/index.php/reice/article/view/5550>>. Acesso: 29 out. 2019. Pesquisa, 37(130), 135-160

SOUZA. Anilda Machado de; ANELO. Gisele Pereira. Aprendizagem no espaço não escolar. **Revista e - Ped – F A C O S / C N E C. O s ó r i o. V o l. 2 – N º 1 – A G O / 2 0 1 2**.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **As histórias de Ana e Ivan**: boas experiências em liberdade assistida. São Paulo: Fundação Abrinq, 2003.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie. **Educação Formal e Não formal: Pontos e contrapontos**. Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA GRUPO FOCAL (com estudantes)

- 1- O que você acha da escola regular que você frequenta? Professor? Organização? Etc.
- 2- O que você acha da ABCC? Por quê?
- 3- Você tem dificuldades para frequentar a ABCC?
- 4- Mudou alguma coisa na sua vida na escola depois que você entrou na ABCC? E fora da escola?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA (com professores)

A. Caracterização de cada professor/a:

- Nome:
- Idade:
- Formação inicial:
- Formação Continuada:
- Experiência Profissional:

B. Questões orientadoras da entrevista:

- 1 – Qual a sua atuação na ABCC hoje? Você pode me descrever?
- 2 – Você já trabalhou em escolas da rede formal de ensino? Que diferenças você percebe? A que você atribui essas diferenças?
- 3 – Que recursos/estratégias metodológicas você utiliza na sua prática pedagógica na ABCC? Qual(is) você acha que tem(têm) mais impacto sobre a aprendizagem do aluno?
- 4 – Você percebe um melhor desempenho escolar dos alunos? Por quê?
- 5 – Por favor, me diga as principais dificuldades que você enfrenta para a ação da ABCC?
- 6 – Em sua opinião o que você considera mais significativo na ação da ABCC.





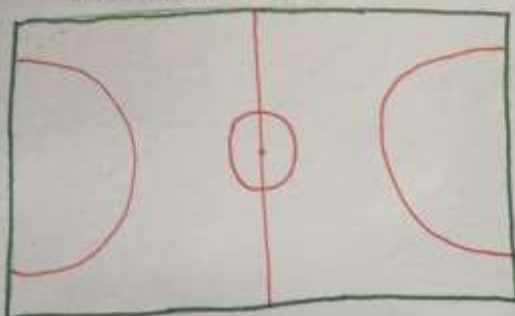
AULA DE ARTES

TEATRO

DESENHO



EDUCAÇÃO FÍSICA



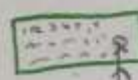
AULA DE MATEMÁTICA

$$\begin{array}{r} 10 - 3 \times 20 \\ 10 - 30 \\ 6 - 30 \\ 24 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 43 \\ - 31 \\ \hline 08 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 11 \\ + 23 \\ \hline 34 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 6012 \\ - 6010 \\ \hline - 0 - \end{array}$$



GOSTO MENOS

CIÊNCIAS

QUÍMICA



GEOMETRIA

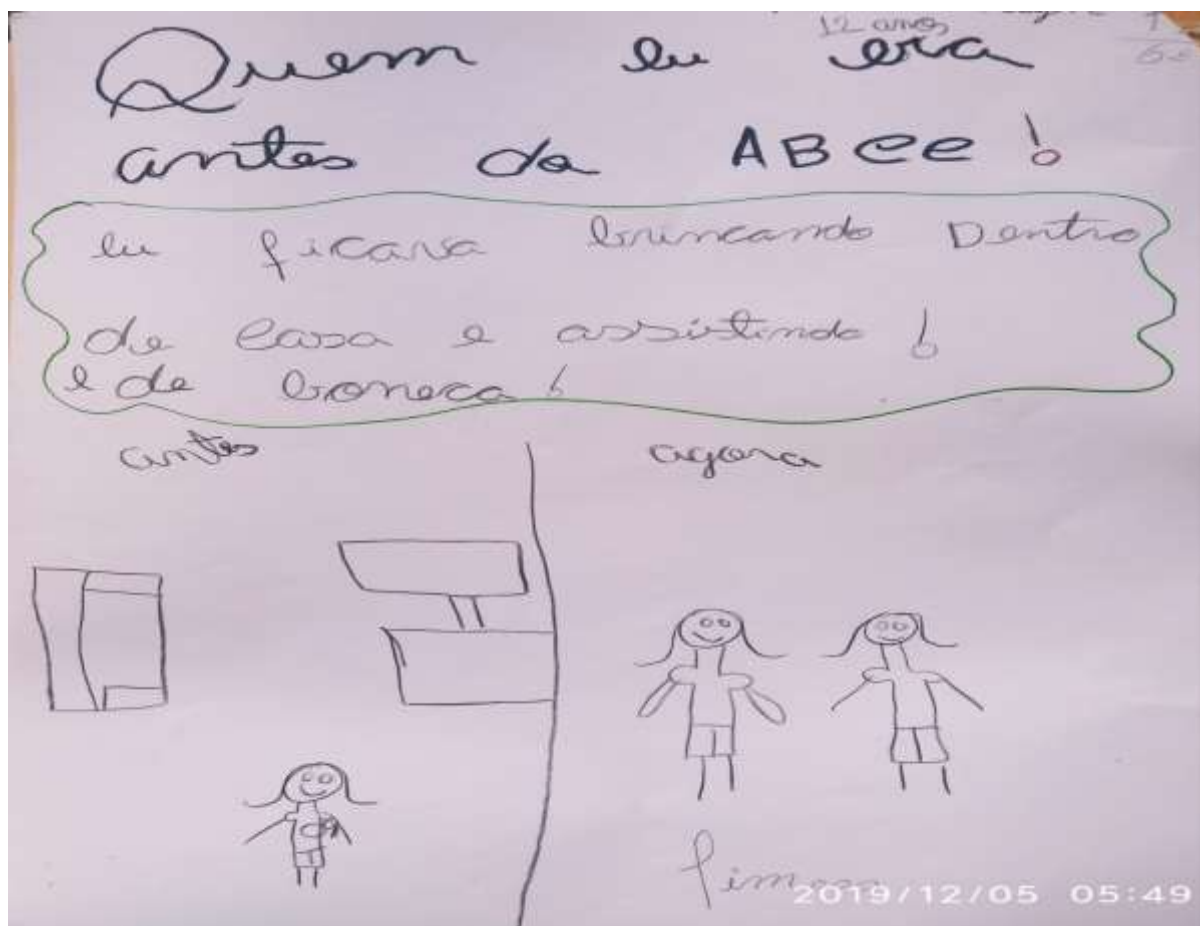


E ETC...

ENSINO É FUNDAMENTAL MAS
SÓ É A BOLE... PARA SE VIVER
A VIDA PRECISAMOS DE MUITO
RESPEITO.

POETA JOCHATES





ANEXOS

ANEXO A



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr.^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada **A influência de práticas de educação não formal sobre o desempenho escolar de alunos em situação de vulnerabilidade social**: O que dizem os sujeitos da *Associação Beneficente Criança Cidadã do bairro do Cordeiro (ABCC), Recife – PE*, integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal, **“Analisar a influência das práticas de educação não formal desenvolvida pela ABCC sobre o desempenho escolar de estudantes em situação de vulnerabilidade social”** e será realizada por **Lilian Lucena Vieira de Melo**, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de **entrevista individual**, com utilização de recurso de **gravação**, a ser transcrito na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do/a participante

Assinatura do/a pesquisador/

Impressão do dedo polegar
caso o/a participante não saiba
assinar.